

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

ELISETE PONCIO AIRES

**A CONSTRUÇÃO *QUE*: UMA AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO DE
CHINESES APRENDIZES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Porto Alegre
2015

ELISETE PONCIO AIRES

**A CONSTRUÇÃO *QUE*: UMA AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO DE CHINESES
APRENDIZES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada como Requisito para a
obtenção de grau de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em Letras da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Maria Tramunt Ibaños

Co-orientadora: Prof. Dra. Karina Veronica Molsing

Porto Alegre

2015

ELISETE PONCIO AIRES

**A CONSTRUÇÃO QUE: UMA AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO DE CHINESES
APRENDIZES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção de grau de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em Letras da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

PROF. DR^a KARINA VERONICA MOLSING

PROF. DR^a SABRINA PEREIRA DE ABREU

PROF. DR. JORGE CAMPOS DA COSTA

Dedicada a meu
filho Pedro Henrique.

Para quem gosta de certezas e seguranças, tenho más notícias:
a gramática não está pronta. Para quem gosta de desafios, tenho
boas notícias: a gramática não está pronta. Um mundo de
questões e problemas continua sem solução, à espera de novas
ideias, novas teorias, novas análises, novas cabeças.

Mário A. Perini

AGRADECIMENTOS

Ser grato é mais que simplesmente dizer obrigado. É se pôr à disposição para iluminar de volta o caminho do outro; seja com palavras, com carinho ou mesmo com trabalho em momentos que se fizer necessário. Assim, a todos aqueles que fizeram parte desta caminhada, contem sempre comigo.

Meu filho Pedro Henrique: por me mostrar diariamente o que é o amor incondicional e, com seu sorriso, dar forças para me reerguer a cada vez que fraquejo ou penso em desistir.

Meu marido Vanderlei: pelo carinho e amor e, principalmente, por acreditar em meus sonhos, entender que este projeto era muito importante para mim e se sujeitar à distância, nos últimos dezoito meses, para que eu pudesse concluí-lo.

À minha orientadora Prof. Dra. Ana Ibaños: pela confiança e incentivo, pelo profissionalismo e respeito ao meu trabalho.

À co-orientadora Prof. Dra. Karina Veronica Molsing: por ter aceitado acompanhar meu trabalho, embora na reta final.

Ao Programa de Português para Estrangeiros (PPE) da PUCRS, pela cedência do *corpus* desta pesquisa.

Aos professores e funcionários do PPGL, em especial ao Prof. Dr. Jorge Campos da Costa pelas observações e sugestões pertinentes na qualificação.

Aos Professores Doutores Sabrina Pereira de Abreu e Jorge Campos da Costa, pela disponibilidade em integrar a banca examinadora.

À CAPES, pela bolsa de estudos.

Aos meus colegas de trabalho, especialmente à Prof. Dra. Jane Fraga Tutikian, pelo apoio e incentivo que me foi dado nestes dois anos de mestrado.

Aos meus colegas de mestrado, pelos momentos de alegria e amizade, nesses dois anos.

RESUMO

Este trabalho, de cunho teórico-descritivo, teve por objetivo avaliar as construções *que* do português brasileiro (PB) em textos argumentativos escritos por estudantes chineses, falantes nativos de mandarim, à luz da Teoria da Gramática. Para tanto, apresentou um capítulo teórico enfocando a Gramática Universal e o modelo de Princípios e Parâmetros, especialmente o Parâmetro da Flexão Verbal, axiomas da Teoria assumidos nesta pesquisa, com a apresentação dos sintagmas e seus constituintes, mediante o uso da Teoria X-barras para representar a relação estabelecida entre eles e a estrutura das sentenças, a maior unidade da análise sintática (HAEGMAN, 1998; RAPOSO, 1992); além de trazer uma seção sobre a estrutura das sentenças *que* do PB, objeto de avaliação deste estudo. Num segundo momento, avaliou a produção do grupo de estudantes, falantes maternos do mandarim, analisando as estruturas produzidas ao longo de um ano, período em que estiveram no Programa de Português para Estrangeiros da PUCRS. A análise dos dados demonstrou que a maioria dos sujeitos representou a estrutura esperada pelo PB, realizando a flexão verbal adequada. Alguns, entretanto, apresentaram dificuldades para a realização da flexão verbal, talvez por influência da L₁, uma língua isolante. Constatou-se, ainda, que, ao longo do tempo, os aprendizes foram reestruturando a gramática da L₂ e utilizando a flexão verbal adequada, indo ao encontro da tese defendida por Flynn (1996) de que o ser humano tem uma faculdade inata à linguagem e que, independentemente da idade, todos têm acesso à Gramática Universal.

Palavras-chave: Gramática Universal; Princípios e Parâmetros; Português Brasileiro; construções *que*; flexão verbal.

ABSTRACT

This work, theoretical and descriptive nature, aimed to evaluate the Brazilian Portuguese (BP) buildings *that* in argumentative texts written by Chinese students, native Mandarin speakers, according to the Theory of Grammar. Therefore, it presented a theoretical chapter focusing on Universal Grammar and the Principles and Parameters model, especially the verbal inflection parameter, axioms of Theory undertaken in this research. It presented phrases and their constituents, with X-bar Theory to represent the relationship established between them and the structure of sentences, the largest unit of parsing (HAEGMAN, 1998; RAPOSO, 1992); besides bring a section on the structure of PB sentences *that*, evaluation object of this study. Secondly, evaluated the production of the group of students, maternal Mandarin speakers, analyzing the structures produced over a year, when they were in Portuguese Program for Foreigners PUCRS. The analysis showed that the majority of subjects represented the structure expected by PB, performing proper verbal inflection. Some, however, had difficulties to perform the verbal inflection, perhaps under the influence of L1, an insulating language. We found also that, over time, the apprentices were restructuring the grammar of L2 and using the appropriate verbal inflection, going to meeting to the thesis held by Flynn (1996) that the human being has an innate faculty of language and that, regardless of age, everyone has access to Universal Grammar.

Keywords: Universal Grammar; Principles and Parameters; Brazilian Portuguese; *that* constructions; verbal inflection.

LISTA DE SIGLAS

ACC - Acusativo

AGR - Argumento

AP - Adjective Phrase (Sintagma Adjetival)

AUX - Auxiliar

C - Complementizador

CLIV - Clivada impessoal

CLIV - é-que-invar – Cópula Invariante

CLIV - inv-foc – Clivada Invertida Focal

CLIV-sem-cop - Clivadas sem cópula

COMP - Complemento

CP - Complementizer Phrase (Complementizador)

DET - Determinante

DP - Determiner Phrase – (Sintagma Determinante)

ECM - Exception Case Marking (Marcação Excepcional de Caso)

GU - Gramática Universal

I - Inflection (Flexão)

INFL - Flexão

IP - Inflectional Phrase (Sintagma Flexional)

LA - Língua Adicional

N - Nome

NOM - Nominativo

NP - Noun Phrase (Sintagma Nominal)

OBL - Oblíquo

P - Preposição

PB - Português Brasileiro

PCred - Pseudo-clivadas Reduzidas

PP - Prepositional Phrase (Sintagma Preposicional)

PPE - Programa de Português para Estrangeiros

RL - Relativa Livre

S - Sentença

SC - Small Clause (Mini oração)

SPEC - Especificador

T - Tense (Tempo)

V - Verbo

VP - Verb Phrase (Sintagma Verbal)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CONSTRUÇÕES <i>QUE</i> : UM OLHAR PELA TEORIA DA GRAMÁTICA.....	13
2.1 Considerações iniciais	13
2.2 A estrutura das sentenças.....	15
2.2.1 <i>As construções que no português brasileiro (PB)</i>	29
2.2.1.1 <i>As orações relativas</i>	31
2.2.1.2 <i>As relativas livres</i>	32
2.2.1.3 <i>Orações clivadas</i>	33
3 A CONSTRUÇÃO <i>QUE</i> : UMA AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO DE CHINESES APRENDIZES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	36
3.1 Metodologia	36
3.2 Análise e discussão dos dados	37
3.2.1 <i>A ocorrência da flexão esperada no PB</i>	37
3.2.2 <i>A ocorrência de flexão diferente da esperada no PB</i>	42
3.2.3 <i>Ocorrência de flexão inadequada</i>	46
4 CONCLUSÕES	50
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	54

1 INTRODUÇÃO

Estudar uma língua e conhecê-la só é realmente possível quando se tem noção da sua estrutura e, para isso, o estudo da sintaxe desta língua é fundamental. Segundo Larson (2010), o objeto de estudo da sintaxe compreende o conhecimento dos falantes da estrutura das palavras e frases em sua língua ou na língua alvo. Ou, nas palavras de Mito, Silva e Lopes (2013), a sintaxe estuda a forma como combinamos palavras para formar sintagmas e como estes formam as sentenças. Por isso, a sintaxe não pode se limitar a olhar para a ordem linear das palavras, ela precisa enxergar a estrutura por trás de uma sequência delas.

Neste sentido, assumimos neste trabalho dois axiomas da Teoria da Gramática, a Gramática Universal, doravante GU e a parametrização linguística. A primeira corresponde a um sistema de princípios, condições e regras integrantes ou propriedades de todas as línguas (CHOMSKY, 1965). Ou seja, o ser humano é dotado de uma capacidade genética para a linguagem e a GU seria o estado inicial dessa faculdade (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013), e a gramática do indivíduo adulto constituiria seu estado final, firme ou estável (RAPOSO, 1992).

Em relação à parametrização linguística, Mito, Silva e Lopes (2013) defendem que a faculdade da linguagem se constitui de princípios e parâmetros. Enquanto os princípios são leis gerais válidas para todas as línguas naturais; os parâmetros correspondem a propriedades que uma língua pode ou não exibir, sem valores definidos, mas à medida que vão sendo fixados, vão se constituindo as gramáticas das línguas. Dessa forma, considerando um aspecto sintático, este trabalho pretende avaliar as construções *que* em textos produzidos por estudantes chineses aprendizes do Português Brasileiro (PB), à luz da Teoria da Gramática.

A opção pela língua portuguesa, especificamente o PB, como objeto de estudo, deve-se ao fato de a maioria dos trabalhos relacionados ao estudo de uma segunda língua, referirem-se a línguas como o inglês, alemão, francês e espanhol. Ainda, pela importância da língua portuguesa na atualidade, sendo (a) segunda língua românica, (b) terceira língua europeia, (c) quarta língua mais falada como Língua Adicional (LA), (d) quinta com maior número de países de língua oficial, espalhados pelos cinco continentes e (e) sexta língua mundial. Além disso, até 2010, o português foi a 5ª

língua mais falada na Internet e nas redes sociais, é a 3ª mais usada no *Twitter* e 9ª no *Facebook* (SUN e PERNA, 2011).

Este trabalho tem por objetivo central a avaliação das estruturas *que* do Português Brasileiro na produção escrita de estudantes falantes nativos do mandarim, aprendizes de Português para Estrangeiros da PUCRS, à luz da Teoria da Gramática¹. A oralidade não é considerada na análise. Para essa avaliação, parte-se da hipótese de que todos os aprendizes, inclusive os adultos, têm acesso à Gramática Universal e que, por isso, os informantes avaliados são capazes de representar as estruturas esperadas pelo PB.

O texto está estruturado em dois capítulos. O primeiro capítulo, denominado *Construções que: um olhar pela teoria da gramática* apresenta uma revisão da literatura sobre a temática. Na abertura do capítulo, a seção intitulada *Considerações iniciais* discorre sobre a Teoria da Gramática, enfocando a Gramática Universal e os princípios e parâmetros. A seguir, introduz-se a estrutura das sentenças, discorrendo sobre seus constituintes, com destaque para as categorias funcionais CP e IP, tendo em vista a análise pretendida no capítulo seguinte centrar-se especialmente na flexão verbal das sentenças.

O segundo capítulo, intitulado *A construção que: uma avaliação da produção de chineses aprendizes do português brasileiro* apresenta, inicialmente, a metodologia utilizada no trabalho, compreendendo o tipo de pesquisa, o *corpus* da análise e os procedimentos metodológicos. A seguir, o texto faz uma avaliação das construções *que* do PB, produzidas pelos referidos aprendizes, fundamentadas nos teóricos apresentados no primeiro capítulo, especialmente Haegmann (1998, 2006), Mito, Silva e Lopes (2013), Raposo (1992), que trabalham com sintaxe pura, e Rothman (1998) e Flynn (1988, 1996), que trabalham com sintaxe aplicada à L2.

¹ Seria possível também se dizer que este trabalho faz uma análise em termos de concordância verbal entre verbos de períodos compostos.

2 CONSTRUÇÕES *QUE*: UM OLHAR PELA TEORIA DA GRAMÁTICA

2.1 Considerações iniciais

O capítulo em questão desenvolve aspectos necessários para a discussão proposta neste trabalho, ou seja, a avaliação da construção *que* na produção de chineses aprendizes de português brasileiro à luz da Teoria da Gramática. A partir da Teoria da Regência e Ligação, analisa-se a estrutura das sentenças nos seus elementos essenciais, além da marcação de Caso. Toda a discussão se desenvolve para a descrição teórica da estrutura CP.

A Teoria da Gramática teve origem nos anos 50, criada por Chomsky, que a chama de gramática, e seu estudo se dá especificamente na sintaxe, considerada por ele como um nível autônomo e central para a explicação da linguagem. Segundo esta teoria, o ser humano possui “em seu aparato genético alguma coisa como uma faculdade da linguagem” (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013, p.19).

Raposo (1992) concebe essa teoria como um órgão biológico, que evolui no indivíduo como qualquer outro órgão. Essa evolução levará à gramática final que caracteriza os conhecimentos linguísticos do falante adulto. Assim, a teoria da linguagem, que pode ser considerada tanto descritiva quanto explicativa, consiste de um sistema de regras e princípios radicados na mente humana e não em propriedades absolutas das expressões linguísticas em si mesmas (RAPOSO, 1992), ou a um sistema de conhecimentos interiorizados na mente humana (CHOMSKY, 1988). É uma espécie de faculdade da linguagem (RAPOSO, 1992) que marca a diferença fundamental entre a espécie humana e os demais seres do planeta (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013).

A Teoria da Gramática se articula a partir de duas noções: Princípios e Parâmetros, sem valores fixados. À medida que são fixados, originam-se as gramáticas das línguas. Estes princípios são leis gerais válidas para todas as línguas naturais, e os parâmetros são propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pelas diferenças entre as línguas (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013). Resumindo: os princípios determinam o que é dado inatamente e os parâmetros determinam o que deve ser aprendido (FLYNN, 1996).

Por exemplo, a GU tem um princípio rígido determinando a existência da posição de sujeito nas orações das línguas humanas. Entretanto, não determina que a posição seja preenchida necessariamente por um NP com conteúdo fonético, o que permite, por exemplo, no português, que essa posição seja deixada vazia (RAPOSO, 1992), como é demonstrado em (01), onde o travessão sinaliza a posição em que, normalmente, ocorreria o sujeito da sentença.

(01) ____ já saíram de casa.

Um segundo princípio da GU é a ordem do núcleo e seu complemento na frase. Assim, na maioria das línguas, as frases seriam formadas por sujeito-verbo-objeto (CHOMSKY, 1988).

Neste trabalho, o foco não é a primeira língua, mas uma segunda sendo aprendida por adultos. Ou seja, o estudo de português como segunda língua por um grupo de adultos falantes de mandarim como língua materna. Flynn (1988; 1996), por exemplo, defende que a GU representa uma capacidade inata para qualquer linguagem e que a GU é completamente disponível para os aprendizes de uma L₂. A autora defende, ainda, que os adultos são tão capazes de aprender uma determinada língua quanto uma criança e que os valores dos princípios e parâmetros disponíveis para a criança, aprendendo uma primeira língua, também estão disponíveis para os adultos aprendizes de uma segunda língua.

Bley-Wroman (1990) postula que os adultos também podem aprender outra língua estrangeira, no entanto, discorda que os processos ocorram da mesma forma para as crianças de L₁ e adultos de L₂, argumentando que a habilidade adulta é altamente susceptível aos 'fatores afetivos'. O autor alega ainda que o adulto já tem, no mínimo, o conhecimento de outra língua, além da habilidade cognitiva geral para lidar com sistemas formais abstratos. O autor ressalta, entretanto, que, apesar de inúmeros estudos na área, não está realmente clara a interferência da L₁ no aprendizado de uma segunda língua.

Neste trabalho, assumimos a posição defendida por Flynn (1996), partindo da hipótese de que os sujeitos integrantes do *corpus* de nossa pesquisa, já adultos, têm acesso à GU. Na próxima seção, abordaremos especificamente a estrutura das sentenças, considerando seus constituintes, embasamento fundamental para

avaliarmos na produção dos estudantes chineses, a observância às estruturas fundamentais do PB.

2.2 A estrutura das sentenças

Um sintagma corresponde a uma unidade sintática construída hierarquicamente, cujas funções são determinadas por um núcleo (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013). Assim, a identificação de seu núcleo, serve como passo inicial para o reconhecimento do sintagma, devendo, a seguir, se identificar os itens que gravitam em torno do núcleo e as funções por ele determinadas.

O módulo gramatical responsável por mostrar a estrutura do sintagma, proposto por Chomsky, é conhecido por Teoria X-barras², a qual contribui para explicitar a natureza dos constituintes, as relações estabelecidas entre eles e o modo, hierárquico, como os sintagmas são organizados para formar uma sentença. Segundo Miotto, Silva e Lopes (2013), essa teoria corresponde a um esquema geral, capaz de captar a estrutura interna dos sintagmas de qualquer língua; mas também capaz de representar a variação nas diferentes línguas.

Conforme Chomsky (1988), a GU permite basicamente quatro categorias de itens lexicais, assim, em frases lexicais, os núcleos relacionam-se à classe de palavras, representadas como Sintagma Nominal, Sintagma Verbal, Sintagma Adjetival e Sintagma Preposicional³, e cada um deles contém o núcleo apropriado, ou seja, uma das quatro categorias acima. Assim, cada categoria lexical corresponde a uma das quatro maiores classes de palavras no léxico (COOK e NEWSON, 1996).

Segundo Haegeman (1998) e Raposo (1992), todos os sintagmas são endocêntricos, ou seja, todas têm como base o núcleo. Assim, sendo os sintagmas construídos a partir de um núcleo, sua representação parte de uma variável X⁴, cujo valor será definido conforme a categoria do núcleo. Se esta categoria for um nome, X será N^o; em caso de um verbo, será V; sendo preposição, será P; e assim por diante⁵.

² A Teoria X-barras auxilia na representação das sentenças, especialmente no que se refere à flexão verbal nas estruturas QUE, objeto deste estudo.

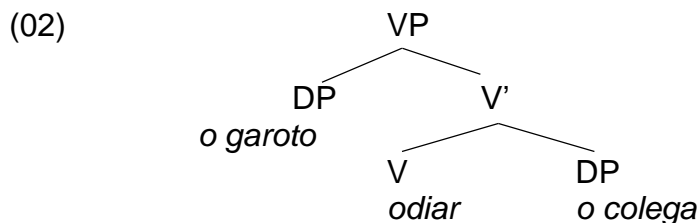
³ Neste trabalho manteremos as siglas do Inglês, NP, VP, AP, PP sempre que nos referirmos aos quatro sintagmas citados.

⁴ X corresponde a uma categoria mínima que pode ser representada também como X^o.

⁵ Ao nível intermediário da projeção, de onde poderia sair um NP, um VP, ou outros como o PP, AP⁵; dá-se o nome de X' (cujo núcleo pode estar relacionado com Complementos); e à projeção máxima de

A existência de níveis de sintagma é obrigatória, pois não existe a possibilidade de um sintagma sem núcleo, da mesma forma que não pode existir um sintagma infinito (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013).

A representação arbórea (02) constitui um sintagma, em que o núcleo *odiar*, determina a relação semântica de ódio e envolve os dois argumentos: *o garoto*, argumento externo, na posição de especificador e *o colega*, argumento interno, na posição de complemento. Este núcleo pertence à categoria verbo (V), o que determina o valor de X, e cada um dos argumentos envolvidos corresponde a um sintagma formado por um nome e um determinante – DP (*Determiner Phrase* – Sintagma Determinante). Assim, teríamos a árvore:

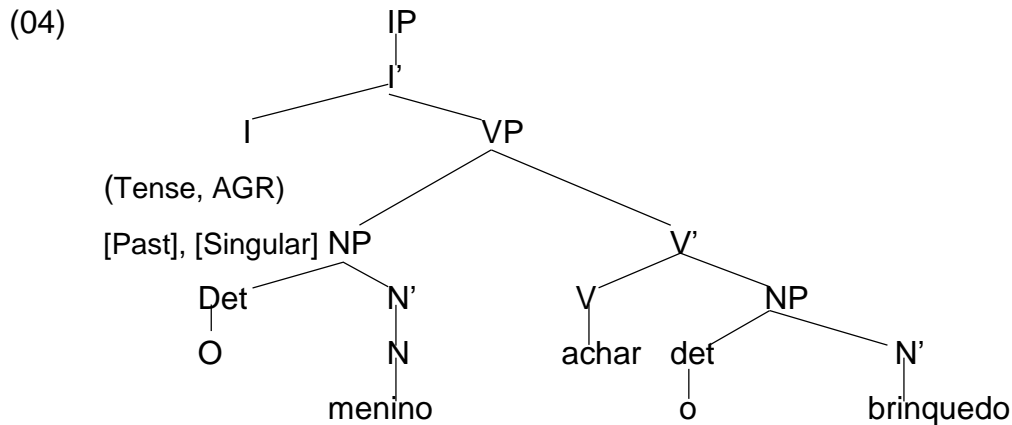


Segundo Miotto, Silva e Lopes (2013), a estrutura (02) representa as propriedades de um sintagma, que tem o verbo *odiar* como núcleo, que são os níveis de projeção de onde pendem o complemento e o especificador. Esta representação insere as categorias funcionais às estruturas. Cabe, pois, que se expanda a análise, tomando como exemplo:

(03) O garoto encontrou o brinquedo.

Nesta sentença, o VP *O menino achar o brinquedo* consiste de um NP e V', o V' consiste de um V e um NP; os NPs *o menino* e *o brinquedo* consistem de um determinante e um N'. Entretanto, sozinhas essas categorias não conseguem representar a flexão verbal (o passado do verbo *achar*), que deve aparecer em separado do verbo, por um constituinte chamado Sintagma Flexional (IP), como demonstra a representação arbórea de Cook e Newson (1996, p.146):

X, denomina-se XP (cujo núcleo relaciona-se com especificadores) (OTHERO, 2006, RAPOSO, 1992; HAEGEMAN, 1998).

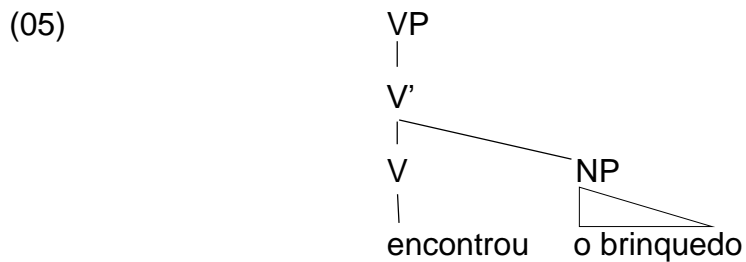


Em (04), que segue Cook e Newson (1996, p.146), usa-se apenas a letra I, em vez de INFL para alinhá-lo às demais categorias. Apesar de o núcleo I muitas vezes ser uma palavra, como os auxiliares *will* ou *can*, no Inglês, ele também pode ser um elemento abstrato que inclui as características de tempo e número (passado e singular, em colchetes na representação) das demais línguas. O IP da sentença tem, portanto, um núcleo que inclui as características [Passado] e [Singular]; e esse núcleo tem um complemento, ou seja, o VP.

Resumindo: a sentença apresenta um IP (I') que será desmembrado em um elemento I'; e este, em um elemento abstrato I e um VP que envolve o restante da sentença. O VP desempenha a função de complemento de I ou, nas palavras de Haegeman (2006), I combina com o VP, estando na mesma linha, são constituintes imediatos de I'.

Ainda na sentença [O menino encontrou o brinquedo], o verbo transitivo, núcleo do VP, precisa de um argumento que o complemento, o qual aparecerá à sua direita. Portanto, o verbo *encontrar* rege o NP *o brinquedo*, marcando-o com Caso⁶ e este NP é o complemento exigido pelo verbo. A representação arbórea seria a constante em (05):

⁶Caso é uma categoria gramatical comum a todas as línguas do mundo, embora seja expresso de forma concreta, através de morfemas como acontece no latim, por exemplo, ou de forma abstrata, como ocorre com a língua portuguesa (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013). A Teoria é regida por um princípio único, chamado Filtro do Caso, que prega que, para ser considerado gramatical, todo NP pronunciado deve receber Caso. Segundo os autores citados, o Filtro de Caso, provoca alterações na sentença para que a necessidade de atribuição de Caso seja satisfeita.



Em português, os NPs podem receber apenas três tipos de Casos: o Nominativo (NOM), o Acusativo (ACC) e o Oblíquo (OBL). Segundo o Filtro de Caso todo e qualquer NP pronunciado deve receber Caso, e um lugar onde ocorre NP é na posição de sujeito das sentenças. Nessa posição, os NPs recebem Caso nominativo no caso de uma sentença finita; e acusativo, quando for uma sentença infinita. As regras de aplicação de caso são simplificadas por Lobato (1986), determinando a atribuição a um NP, do Caso nominativo quando ele for regido por tempo (a flexão temporal); Caso acusativo se for regido por verbo e Caso oblíquo, se regido por preposição.

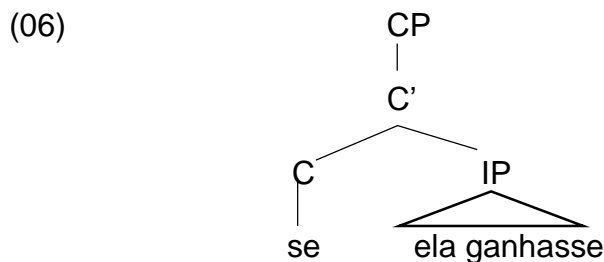
Também se referindo à flexão verbal (tempo), Silvério (2002) cita Stowell (1993; 1994), cujos trabalhos procuram reduzir estudos semânticos sobre o ‘tempo’ a princípios da teoria sintática motivados independentemente. Sua proposta consegue derivar, ‘via controle’, a regra SOT2 para o inglês, mas desconsidera características do sistema tempo-aspectual do PB, onde a morfologia flexional é relevante e o fenômeno SOT⁷ é diferente do inglês.

Ao esquema da Teoria X-barras, Stowell propõe uma nova categoria funcional, o ZP (Zeit-Phrase), que serve como o argumento interno de T⁰, localizada entre TP e VP, e que denota tempo. Como uma categoria análoga à categoria DP, que mantém uma relação com NP, ZP mantém uma relação com VP, através da vinculação por algum elemento do ZP de uma variável localizada numa posição adjunta a VP. Em relação ao segmento temporal externo, Stowell postula sua origem na posição Spec TP, embora não atribua ao argumento a denotação do Tempo S (SILVERIO, 2002).

⁷ Segundo Silvério (2002): “O fenômeno SOT (ou Sequência de Tempo) se refere a uma situação em que um morfema de tempo passado ocorre imediatamente encaixado sob outro tempo passado, mas este passado, na encaixada, pode ser interpretado como simultâneo ao tempo passado da oração matriz, como acontece em *John heard that Mary was pregnant* (O João ouviu que a Maria estava grávida).

A estrutura da sentença, entretanto, é mais que a simples divisão em NP e VP, ou sujeito e predicado. Nesse nível, outros elementos surgem na hierarquia estrutural, como o COMP⁸, o AUX e o INFL. O primeiro é o complemento e introduz uma sentença subordinada ou coordenada; o segundo representa um auxiliar, possivelmente presente na sentença; enquanto o terceiro representa a flexão verbal e substitui o auxiliar na representação sintática (HAEGEMAN, 1998; RAPOSO, 1992).

O COMP, que também pode aparecer identificado como CP (*Complementizer Phrase*), corresponde à outra categoria funcional que tem C como núcleo e pode ser formado pelos complementizadores *se* ou *que*, nas sentenças encaixadas (objeto de análise do presente estudo), ou um elemento abstrato, nos demais casos. O C é complementado pelo IP (COOK e NEWSON, 1996). Assim, a representação arbórea da sentença encaixada *se ela ganhasse* seria:



Raposo (1992) refere-se à distinção interna da categoria *Comp*, em [Wh+], (Comp interrogativo) e [-Wh], (Comp declarativo), criada por Chomsky. Assim, por exemplo, nas orações subordinadas declarativas finitas (caso das estruturas objeto de avaliação neste estudo), em que há obrigatoriamente o complementizador *que*, têm-se a seguinte representação:

(07) O Pedro [VP imagina [S' [Comp [-Wh que]] [o comando caiu]]].

E, nas sentenças subordinadas interrogativas finitas, em que o complementizador *se* se faz necessário, têm-se a seguinte representação:

⁸ Raposo (1992) introduz a categoria *Comp* na estrutura sintática, como irmã da categoria S, sendo ambas dominadas por um constituinte do tipo frásico, chamado S' (S-barra). Assim, o símbolo axiomático do sistema gramatical deixa de ser S e passa a ser S'. Dessa forma, tem-se a regra S' Comp S.

(08) O Pedro [VP questionou [S' [Comp [+Wh se]] [o comando tinha caído]]].

O complemento recebe Casos acusativo e oblíquo (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013). Em situações em que os pronomes desempenham os mesmos papéis *theta* dos NP, ocorre a marcação canônica, ou seja, aquela em que um núcleo atribui caso a seu complemento, conforme resumido em:

- (09) a. [O pai trouxe um chocolate para o filho]⁹.
b. [Ele o trouxe para mim].

Segundo Raposo (1992), a flexão verbal da maioria das línguas apresenta marcas de acordo ou concordância (quando o NP geralmente é sujeito da frase) e de tempo. No português, podem ocorrer, embora com menor frequência, marcas de modo. As flexões com marcas temporais são denominadas de finitas e aquelas sem marcas temporais denominam-se não finitas. No português, o autor aponta a existência de três tipos de flexões verbais (finitas e infinitas), representadas pelas orações subordinadas a seguir:

- (10) a. Eu mandei que [os alunos lesem o livro] [+T, +Agr]
b. Eu mandei [as crianças ler o livro] [-T, -Agr]
c. Eu mandei [as crianças lerem o livro] [-T, +Agr]¹⁰.

As sentenças finitas, ou seja, com flexão temporal, recebem a marcação canônica de Caso. No caso das sentenças infinitivas, há outro tipo de marcação de Caso: a Marcação Excepcional de Caso, oriundo do inglês *Exceptional Case Marking (ECM)* (CHOMSKY, 1981), que se distingue da marcação canônica por envolver “um

⁹ Em (09a) se veem três NPs: *O pai* que recebe Caso nominativo de I (flexão de passado em terceira pessoa do singular); *um chocolate*, que recebe Caso acusativo do verbo *trazer*; e *o filho*, que recebe Caso oblíquo da preposição *para*. Já em (09b), os NPs são pronomes, evidenciando a marcação de Caso por suas formas; nesta marcação, denominada canônica, os pronomes desempenham os mesmos papéis *theta* dos NPs em (09b).

¹⁰ A presença ou ausência das marcas de acordo, concordância ou tempo, permitem que as flexões verbais sejam classificadas em quatro tipos, usando-se os traços distintivos T = Tempo e Agr = Acordo. Assim ter-se-ia: [+T, +Agr], [-T, -Agr], [+T, -Agr], [-T, =Agr], (RAPOSO, 1992).

núcleo que atribui Caso a argumentos de outros núcleos” (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013, p. 180).

Na língua inglesa, Haegeman (1998) define como ECM situações em que o verbo pode reger para dentro de um IP e atribuir Caso a seu sujeito NP. Tomemos como exemplo, a sentença (11) em que *believe* requer uma sentença infinitiva como seu argumento interno:

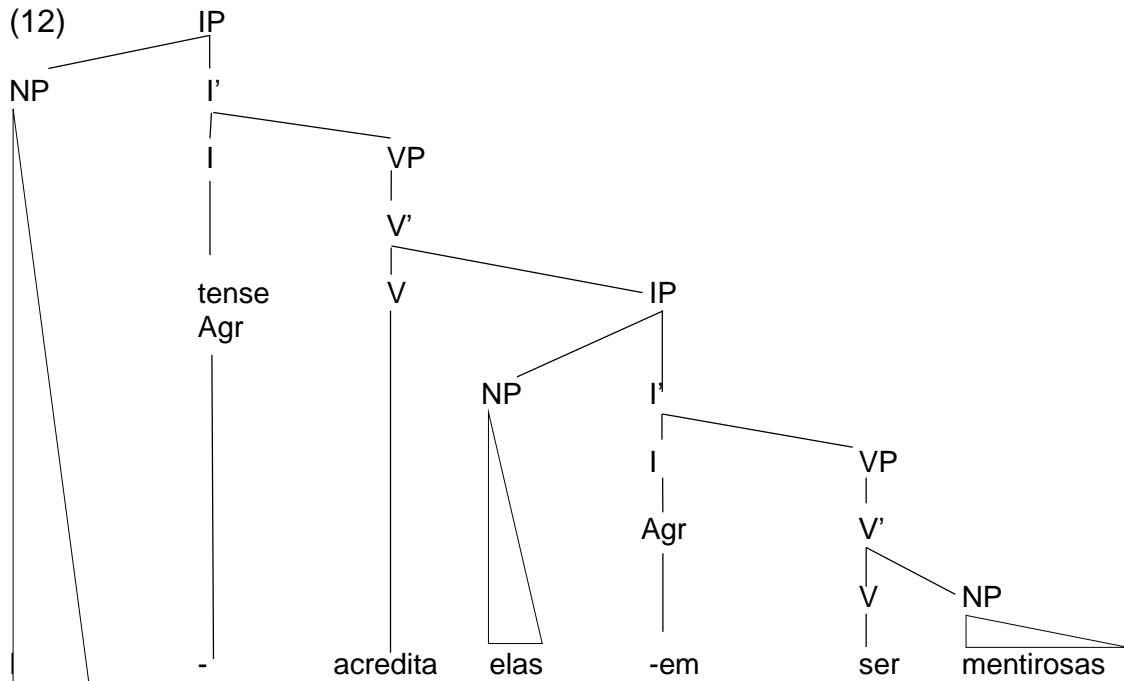
(11) John believes [him to be a liar].

O pronome *him* é a forma acusativa¹¹ para a terceira pessoa masculina no singular. Pela marcação canônica de Caso, o NP *him*, na função de sujeito da sentença, deveria receber o Caso nominativo. Isso não acontece pelo caráter infinitivo da sentença, tendo em vista que esse tipo de Caso seria dado pelo I, cujos traços no inglês são [- Agr, - Tense]¹². Dessa forma, sendo Caso atribuído mediante regência, considera-se que o IP não é uma barreira para a regência externa, de modo que permite ao verbo *believe* marcar com o Caso acusativo o pronome *him*.

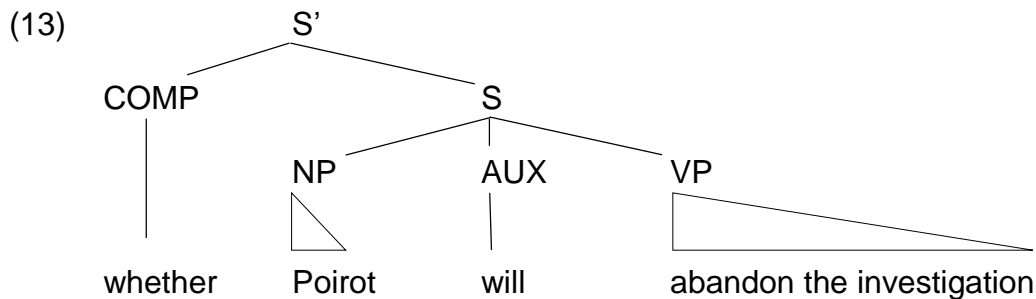
No português, entretanto, essa marcação de Caso não seria em ECM, tendo em vista a existência do infinito pessoal, onde ocorre a concordância de pessoa e número [+Agr, - Tense]. Esse traço permite a I atribuir Caso nominativo ao sujeito da oração encaixada, como demonstrado em (12), onde o NP *elas* recebe Caso nominativo de I, caracterizando a marcação canônica de Caso (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013).

¹¹ Haegeman (2006) usa a preposição como atribuidora de Caso acusativo; o mesmo Caso atribuído pelo verbo intransitivo a seu argumento, considerando que o acusativo e o oblíquo não se diferenciam morfologicamente na língua inglesa (RAPOSO, 1992). No português, a preposição atribui Caso oblíquo (MIOTO, LOPES e SILVA, 2013).

¹² Nesse caso, não há traços de concordância pessoal e temporal. Em sentenças finitas, a terminologia seria [+ Agr, + Tense].

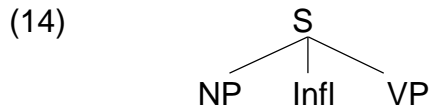


Para representar o inglês, Haegeman (1998) usa a estrutura arbórea representada em (13) para explicar a flexão:



Na representação (13), S apresenta três constituintes imediatos: o sujeito NP, *Poirot*; o VP, *abandon the investigation* (cujos detalhes de composição, omitidos, são representados por um triângulo) e um AUX, *will*. O problema surge no S', uma projeção de S. Segundo a autora, isto é estranho, pois as unidades sintagmáticas projetam a partir de seus núcleos, unidades do tipo N, V, P, etc. que normalmente são nós terminais, o que não acontece na sentença aqui representada. Por isso, ela sugere o uso de um esquema em que o núcleo da sentença seja qualquer flexão presente na frase, visto que um núcleo deve ser um nó terminal, externo aos demais constituintes, característica exclusiva das flexões.

Essas marcas flexionais são representadas na estrutura das sentenças por uma categoria autônoma, denominada Flexão (abreviadas em *I* ou *Infl*), separada do verbo ao qual se encontra ligada na sentença. Assim, *Infl* aparece na estrutura sintática como um terceiro constituinte imediato de S, localizado entre o NP sujeito e o VP, conforme Raposo (1992) e Haegeman (1998):

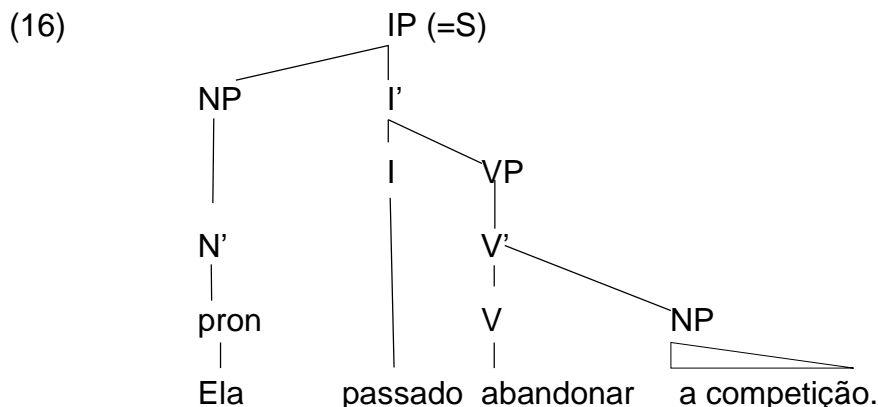


A partir de (14), os autores concordam que a representação do elemento de flexão verbal não pode ser parte do VP, mas ser gerado em separado. Vejamos mais um exemplo:

(15) [Poirot abandoned the investigation].

Aqui, Haegeman (1998) salienta que o morfema indicativo do passado não necessita estar aderido ao verbo para representar o tempo passado da sentença. Portanto, a flexão seja ela na forma de um auxiliar, como em (13), ou inerente ao verbo, como em (15), encontra-se fora do VP, podendo, assim, constituir o núcleo da sentença. A essa flexão, núcleo de S, dá-se o rótulo de *I*, sigla do inglês *inflection*.

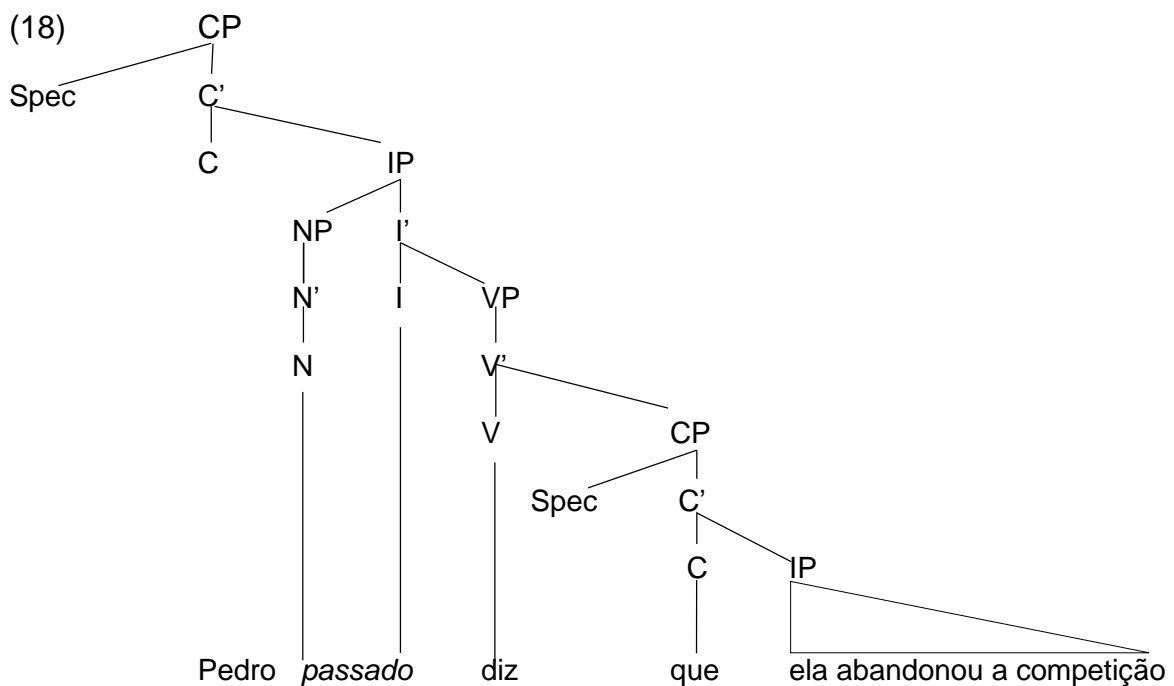
Ao considerar *I* como o núcleo de S, a autora torna possível que se considere S como qualquer categoria sintagmática, de forma endocêntrica. Dessa forma, a sentença (S) seria uma projeção da flexão, originando o sintagma flexional, isto é, o IP, como ilustrado na sentença (16) do português:



A partir do uso da sentença anterior como subordinada, poderíamos criar uma oração complexa como demonstram, respectivamente, as representações parentizada (17) e arbórea (18):

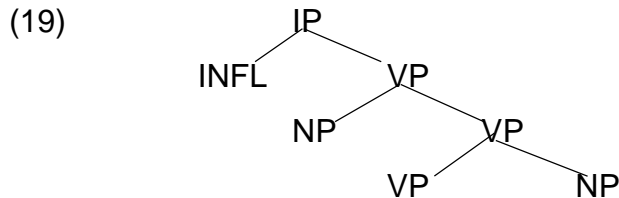
(17) [Pedro disse [Comp que [IP ela abandonou a competição]]].

Da mesma forma que S é representada pelo IP, em (18) também há uma S', representada pela unidade abstrata CP. Este existe para dar conta do complementizador C (do inglês, *Complementizer*), localizado fora do IP, por isso é o núcleo da categoria CP. Em português e em várias outras línguas, a presença fonética de um complementizador, *que* ou *se*, determina o tipo de flexão da oração seguinte: I finita quando o *que* ou *se* estiverem presentes e flexão não finita, quando a posição C estiver vazia (RAPOSO, 1992).



No mandarim, língua falada pelos sujeitos objetos deste estudo, o INFL é uma categoria lexical e não funcional como acontece com as outras línguas citadas. Além disso, não há trocas de gênero e número, os verbos se mantêm imutáveis em todos os casos e em todos os tempos gramaticais; difere, portanto, do PB, (PAN, 2013), sendo uma língua isolante.

A ordem dos constituintes no mandarim é a apresentada em (19), onde o NP é colocado da esquerda para a direita, obedecendo à direção exigida no marcador de Caso (LI, 1990).¹³



Segundo Li (1990, p.28), no mandarim, os NPs podem ocorrer na posição de sujeito, conforme (20), como objeto de verbos (21) e também como preposição (22).

(20)

- a. Wo zhidao [zheijian shi] hen zhangyao.
 I know this thing very important.
 I know that this thing is very important.
 Eu sei que essa coisa é muito importante.
- b. Wo zhidao [(ta) bu lai] hen zhongyao.
 I know he not come very important.
 I know that (for him) not come is important.
 Eu sei que(para ele)não viré importante.

(21)

- a. Ta quan ta [sheme shi]?
 he persuade he what matter
 What did he persuade him of?
 De que ele quis convencê-lo?
- b. Ta quan ta [lai]
 he persuade him come
 He persuaded him to come.
 Ele convenceu-o avir.

¹³ Segundo a autora citada, os NPs lexicais correspondem aos elementos que devem receber caso (Filtro do Caso).

(22)

- a. Wo dui [zheijian shi] hen bu gooxing.
 I do this matter very not important.
 I am not happy about this matter.
 Eu não estou feliz com este assunto.
- b. Wo dui [ta bu reng lai] hen bu gooxing.
 I to he not can come very not important.
 I am not happy about (the fact) that he cannot come.
 Eu nãoestou feliz com(o fato de) queele não pode vir.

Ainda referindo-se às estruturas sintáticas no mandarim, os argumentos nascem todos à esquerda do verbo. Assim,

os complementos e adjuntos aparecem todos preposicionados. O objeto direto pode, todavia, apresentar uma ordem variante, isto é, pós-verbal, situação em que aparece sem preposição, pois aí recebe caso do verbo. A distribuição é funcional, mas o licenciamento é formal. É o licenciamento formal que explica por que só o objeto pode ter essa dupla distribuição: o verbo só pode atribuir acusativo, Caso do objeto direto (KATO, 1998, p.8).

Em relação ao PB, Rothman (2009) ressalta a impossibilidade de ocorrência de infinitivos pessoais não conjugados após o COMP *que*. Assim, a sentença (23), por exemplo, é considerada agramatical:

(23) [É importante que [nós sermos fortes]].

Para que esta sentença seja considerada gramatical, o autor sugere a sua conjugação de duas formas: uma sem flexionar o infinitivo como em (24) e outra, com a conjugação verbal finita, no presente do subjuntivo (25).

(24) [É importante sermos fortes].

(25) [É importante que [nós sejamos fortes]].

Ainda referindo-se à flexão verbal, ao discutir os infinitivos do PB, Rothman (2009) defende ser esta uma das poucas línguas que possui flexão nos infinitivos pessoais, além das formas plurais terem formas morfofonológicas correspondentes para pessoa e número. Além disso, considera que os infinitivos conjugados podem

apresentar sujeitos nulos ou léxicos, diferentemente dos infinitivos não flexionados, que devem ter um sujeito PRO controlado.

No português, Mito, Silva e Lopes (2013) resumem as sentenças em matrizes e encaixadas. As primeiras são reconhecidas pelos tipos frasais que realizam: declarativas, interrogativas, exclamativas e imperativas. Resumindo: a sentença declarativa é um IP, cuja árvore inicia no IP, exceto quando houver à sua esquerda, um tópico ou um foco, como representado a seguir.

- (26) a. [_{IP} Pedro entrou calmamente pela porta traseira].
 b. [_{TopP} O Pedro, [_{IP} ele entrou calmamente pela porta traseira].
 c. [_{FocP} Pela porta traseira [_{IP} o Pedro entrou calmamente, não pela dianteira].

As orações interrogativas, exclamativas e imperativas são CPs e sua árvore inicia em CP, mesmo quando não há itens pronunciados nele, como aqui representados.

- (27) a. [_{CP} [_{IP} Entre pela porta traseira]].
 b. [_{CP} [_{IP} Ela é bonita]]!
 c. [_{CP} [_{IP} O Pedro entrou pela porta traseira]]?

As sentenças encaixadas referidas pelos autores, como qualquer sintagma encaixado, são posicionadas na árvore como argumento (Spec ou Comp) ou adjunto. Sendo o CP a categoria que possibilita o encaixe de uma sentença finita em outras, as sentenças encaixadas são todas CPs. O Spec do CP, o núcleo C ou ambos, possibilitam o encaixe.

No português, há dois complementizadores para o encaixe das sentenças, o *que* e o *se*. Enquanto o *se* encaixa sentenças interrogativas do tipo sim/não (28), complementando um núcleo que seleciona uma pergunta; o *que* sozinho encaixa complementos sentenciais de verbos (29), encabeça complementos de nomes (30), de preposições (31), de advérbios (32) e, por fim, encaixa sentenças finitas como argumento externo/especificador de verbos (33)¹⁴ (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013).

¹⁴ Segundo Mito, Silva e Lopes (2013), as classes de verbos que selecionam esses CPs como argumentos externos são, principalmente, a dos psicológicos que tem o causador como argumento

- (28) Pedro perguntou [se o Joao chegou ou não].
- (29) Pedro disse que o João chegou.
- (30) Pedro tem medo que o João volte.
- (31) Pedro tem medo de que o João volte.
- (32) Pedro correu antes que o João voltasse.
- (33) É provável que o João volte.

No PB, muitas vezes, por ocasião do encaixamento da sentença completiva, fazem-se necessários ajustes quanto ao modo verbal, ao tempo, ao uso da preposição. Em relação ao modo verbal, dependendo de certos traços semânticos do verbo da oração matriz, o verbo da encaixada ora permanecerá no indicativo, ora sofrerá a transformação de subjuntivização ou, ainda, em alguns casos o verbo admitirá as duas possibilidades. Como se pode ver nos exemplos de Souza-e-Silva e Koch (2011, p.114):

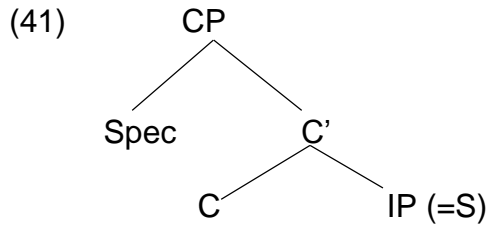
- (34) Eu soube que Lucila está (ou estava) doente.
- (35) Eu temia que Lucila estivesse doente.
- (36) Eu imagino que Lucila está/esteja doente.

As mesmas autoras defendem que o tempo da oração encaixada depende, muitas vezes, da matriz. Assim, por exemplo, em se tratando de verbo que exige a presença do subjuntivo na encaixada, a ocorrência do presente do indicativo determinará a do presente do subjuntivo na completiva, enquanto a ocorrência do passado na primeira acarretará a do passado no subjuntivo na segunda, como representado a seguir:

- (37) Desejamos que vocês sejam felizes.
- (38) Desejávamos que vocês fossem felizes.

Complementando as informações relativas às orações encaixadas, a próxima seção descreve especificamente a estrutura das sentenças *que* no português brasileiro, objeto de análise deste trabalho.

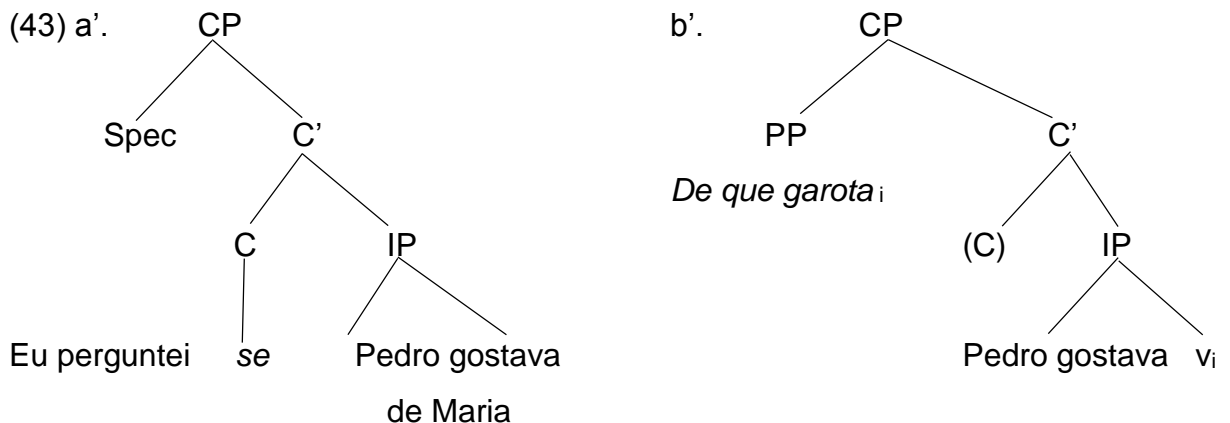
externo e a dos causativos. A Teoria do Caso explica o porquê destes CPs não terminarem naturalmente na posição de sujeito da sentença.



No entanto, diferentemente do verbo e de outras categorias lexicais, a posição de *Spec*, corresponde a um espaço aberto para elementos que se movem. Nesse caso, enquanto *que* e *se* ocupam o núcleo C, os constituintes *que*, ocupam a posição *Spec* de C. Ambos, a palavra *que* e os conjutores introduzem uma sentença, ora representada pelo IP, conforme exemplos (38a e 38b) de Kato *et al* (2002).

- (42) a. Eu perguntei [se Pedro gostava de Maria].
 b. Eu perguntei [de que garota Pedro gostava].

A representação arbórea das sentenças subordinadas em colchetes seria:



A diferença entre as duas representações acima reside no fato de que, enquanto *se* introduz uma sentença, uma proposição, as palavras *que* iniciam uma sentença com lacuna, entendida como uma variável.

Para uma melhor compreensão das construções *que*, este trabalho segue a divisão proposta por Kato *et al* (2002), que as dividem em: relativas, relativas livres e clivadas.

2.2.1.1 As orações relativas

Também chamadas *orações adjetivas* pelas gramáticas tradicionais, as orações relativas têm a função de modificadores de um núcleo nominal. Dessa forma, a subordinada CP é adjunto de um nome, tornando possível encontrar os seguintes tipos de construções relativas no PB escrito:

- (44) a. Vi a peça do ator *que* admiro.
 b. O livro *cujas folhas* estão rasgadas.
 c. A menina *com quem* Paulo brigou.
 d. O apartamento *onde/em que* ela vive.

Embora não fique claro nas duas primeiras sentenças (a) e (b) o movimento do elemento relativizado de dentro da sentença encaixada, as duas últimas (c) e (d) demonstram o movimento do constituinte *que* para o começo da subordinada.

- (45) c' A menina [_{CP} *com quem* _i [_{IP} Paulo brigou _{vi}]

No inglês, por exemplo, é permitida a escrita dessas mesmas frases sem o pronome relativo (KATO *et al*, 2002):

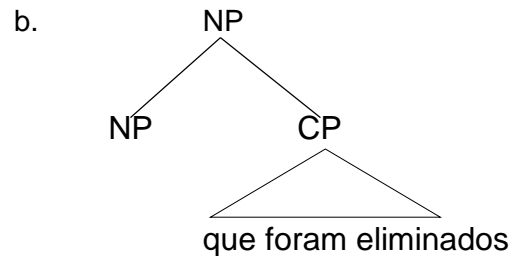
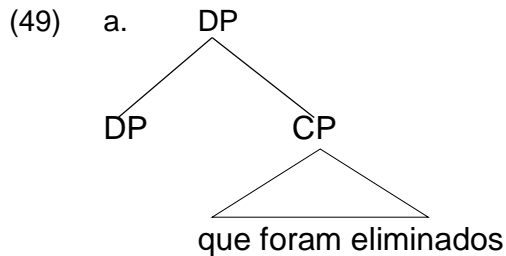
- (46) a. The actor I admire.
 b. The girl Paul was fighting to.
 c. The apartment she lives in.

Segundo Mito, Silva e Lopes (2013), os exemplos de (46) podem ser classificados como relativas com núcleo nominal (RNN). Semanticamente, elas podem ser classificadas como: restritivas (47) ou apositivas (48).

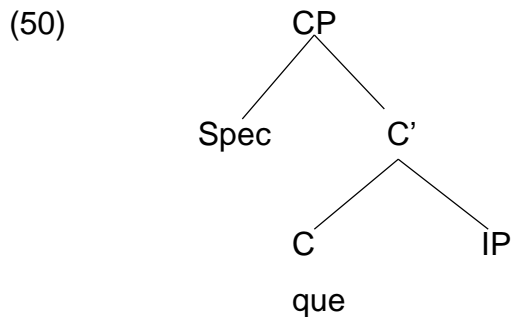
- (47) O técnico conversou com os jogadores que foram eliminados.
 (48) O técnico conversou com os jogadores, que foram eliminados.

Em (47) de todos os jogadores que integram o contexto, eliminados ou não, o técnico conversou apenas com os eliminados, há uma restrição, definida pelo nome antecedente; já em (48), o técnico conversou com todos os jogadores que integram o contexto do discurso, ou seja, apenas os eliminados. Sintaticamente, a relativa

apositiva é posicionada como adjunto do DP e a restritiva como adjunto do NP (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013).



A partir da estrutura sintática (50), Miotto, Silva e Lopes (2013), demonstram que o *que* na função de complementizador preenche o C.



2.2.1.2 As relativas livres

Segundo Kato (2002), quando o núcleo da relativa é formado por um pronome superordenado (pessoa, coisa, lugar, etc.), ele aparece como tal ou corresponde a uma *relativa livre* (RL), não exibindo seu núcleo, exceto na morfologia ou no determinante. Notem-se os exemplos a seguir:

(51) a. Não conheço *o ator que Maria admira*.

b. Não conheço *quem a Maria admira*.

(52) a. Paulo viu *o livro que eu comprei*.

b. Paulo viu *o que eu comprei*.

(53) a. Eu conheço *o lugar onde ela mora*.

b. Eu conheço *onde ela mora*.

Mioto, Silva e Lopes (2013) ressaltam que as RLs não estão na dependência de um nome. São introduzidas por pronomes relativos com certos traços semânticos, por exemplo, [humano] em *quem*, [-animado] em *o que*, [tempo] em *quando*, [lugar] em *onde*, [modo] em *como*, [quantia] em *quanto*. Estes itens além de serem pronomes relativos podem atuar como pronomes interrogativos. Assim, as RLs se assemelhariam às interrogativas *que* encaixadas, como nos exemplos a seguir, quando, mesmo sendo a mesma sequência entre colchetes, o (a) é uma RL e o (b) uma interrogativa.

- (54) a. João detesta [quem a Maria ama].
 b. João perguntou [quem a Maria ama].

Para facilitar a diferenciação das interrogativas das RLs, Mioto, Silva e Lopes (2013) sugerem que se considere, inicialmente, que estas desempenham diferentes funções sintáticas: sujeito (a), complemento de verbo (b, c), complemento de preposição (d) ou adjunto do VP (e, f).

- (55) a. [Quem ama] sofre.
 b. Maria comeu [o que o João cozinhou].
 c. João pôs o sapato [onde Maria guarda os chinelos].
 d. Ele só trabalha para [quem paga bem].
 e. Maria saiu [quando João chegou].
 f. Maria comprou o sapato [onde o João trabalha].

Nas sentenças apresentadas pelos autores citados, os pronomes *que* são considerados relativos, estando ao mesmo tempo para a sentença matriz e a encaixada. No caso de (c), *onde* marca o lugar em que o sapato foi posto por João e o lugar em que os chinelos costumam ser guardados por Maria; o mesmo ocorrendo na sentença (f), quando se refere ao lugar onde Maria comprou o sapato e o lugar onde João trabalha.

2.2.1.3 Orações clivadas

O termo oração clivada é a denominação dada a uma construção em que participa o verbo *ser* com pronomes relativos ou a expressão *é que* e que permite pôr

em destaque a maior parte dos constituintes de uma frase, a saber, sujeito, complementos e adjuntos do verbo (excetuando advérbios de frase como *provavelmente* e orações adverbiais condicionais e concessivas). Nas línguas em geral, ocorrem vários tipos de orações clivadas: a clivada, a pseudo-clivada e a clivada invertida focal e a pseudo-clivada invertida (KATO *et al*, 2002).

Na clivada impessoal (CLIV), ou clivada *stricto-sensu*, o sujeito é um expletivo nulo (EXP- \emptyset) e o foco, assinalado como um asterisco [*] surge depois da cópula, como um predicativo, seguido de uma construção-*que*.

(56) Expletivo- \emptyset foram [os meninos] * que Maria viu.

Quando o sujeito é uma relativa livre e o predicado pós-cópula é o foco, dizemos que há uma pseudo-clivada.

(57) Quem Maria viu foram [os meninos] *.

Há uma clivada invertida focal (CLIV-inv-foc), quando o foco é movido para uma posição pré-sentencial, como em:

(58) [Os meninos] * (Expletivo- \emptyset é que Maria viu).

E, finalmente, a pseudo-clivada invertida, ocorre quando o constituinte correspondente ao foco na clivada sobe para a posição de sujeito, deixando a construção *que* restante como foco, conforme representado em:

(59) Os meninos são [quem Maria viu] *.

Exclusivas do PB, Kato et al (2002) citam as construções clivadas sem a palavra-*que*, conhecidas como pseudo-clivadas reduzidas (PCred).

- | | | |
|------|------------------------------------|------------|
| (60) | a. O que eu quero é [um suco] *. | (PC plena) |
| | b. Eu quero é [um suco] *. | (PC red) |
| (61) | a. O que eu sou é [inteligente] *. | (PC plena) |
| | b. Eu sou é [inteligente] *. | (PC red) |

As sentenças com cópula invariante (CLIV-é que-invar), comum do português coloquial, ocorrem em sentenças como:

(62) É [o João] * que saiu. (*vs Foi o João que saiu*)

(63) É [os meninos] * que vão comigo (*vs São os meninos que vão comigo*).

E, finalmente aparecem as sentenças como em (64), denominadas clivadas sem cópula (CLIV-sem-cop):

(64) [Eu]* que entro.

Este capítulo buscou demonstrar a estrutura das sentenças, sob a luz da Teoria da Gramática, enfocando especialmente as estruturas *que* do português brasileiro, tendo em vista este trabalho ter como foco central a avaliação das estruturas *que* do PB em produções escritas de aprendizes falantes nativos do mandarim. O próximo capítulo enfoca a metodologia utilizada para a análise e a discussão e avaliação dos dados coletados, com base na teoria apresentada neste primeiro capítulo.

3 A CONSTRUÇÃO QUE: UMA AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO DE CHINESES APRENDIZES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Este capítulo trata especificamente do objetivo central do trabalho, ou seja, a construção *que*: uma avaliação da produção de estudantes chineses aprendizes do Português Brasileiro. A partir do uso de exemplos retirados da produção de onze estudantes do PPE da PUCRS, procurar-se-á verificar nossas hipóteses iniciais, ou seja, se todos têm uma faculdade inata à linguagem e, de alguma forma, acesso aos mecanismos da GU e, se os aprendizes de português como L₂ são capazes de representar a estrutura das sentenças encaixadas no PB. Essa análise deter-se-á, principalmente, na flexão verbal ocorrida nas sentenças.

3.1 Metodologia

A pesquisa apresentada neste trabalho é de cunho teórico-descritivo. Não é um estudo quantitativo, nem explanatório, mas exemplificativo. A discussão dos dados assume o modelo de Princípios e Parâmetros, especialmente o Parâmetro de Flexão Verbal¹⁷, e busca, através de alguns exemplos, avaliar a flexão verbal no contexto das construções *que* em textos produzidos por estudantes chineses aprendizes do Português Brasileiro (PB).

O *corpus* da pesquisa é composto por produções escritas, argumentativas, produzidas por onze informantes, falantes maternos do mandarim, estudantes de português para estrangeiros na PUCRS. A escolha dos estudantes chineses deveu-se ao mandarim ser uma língua isolante, o que poderia influenciar seu desempenho na produção do PB. Antes de virem para o Brasil, estes estudantes frequentaram, por dois anos, o curso de português na Universidade *Communication University of China, Nanjing*, vindo para a PUCRS no terceiro ano da Graduação. Na China, eles receberam *input* tanto do português europeu, quanto do brasileiro, mas principalmente europeu.

As construções *que* utilizadas para a avaliação neste trabalho foram coletadas de dez textos escritos, originados de tarefas realizadas ao longo de um ano, período

¹⁷ A opção pelo Modelo de Princípios e Parâmetros em detrimento de qualquer outro modelo deveu-se ao teor descritivo deste modelo.

em que aqui permaneceram. Cada tarefa equivale a uma mudança temporal, uma passagem de tempo de aproximadamente um mês. Nos anexos, são apresentados quadros - recortes - com as sentenças produzidas por cada Informante (seus nomes foram substituídos pelos números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11), pela ordem de produção, ou seja, desde sua chegada ao Brasil até o último, escrito no final do ano de convênio. A temática enfocada é variada, considerando assuntos que foram destaque ou geraram polêmicas na época de sua produção e foram escritos após a leitura e discussão em sala de aula. A análise avaliará os resultados e não o processo dessa produção.

Inicialmente, foram coletadas as sentenças *que* dos textos produzidos, totalizando mais de uma centena (transcritas nos anexos deste trabalho). Como muitas delas têm estruturas parecidas, selecionamos algumas das construções coletadas, que foram divididas em blocos distintos. A seguir, será efetuada a análise destes blocos à luz da teoria da gramática.

3.2 Análise e discussão dos dados

Esta seção apresenta e discute as construções selecionadas. Serão observados nas estruturas da língua portuguesa, como os sujeitos envolvidos estão formando as sentenças *que*, como estão vendo a relação entre verbo e sujeito. Não estão sendo considerados outros tipos de erros durante esta avaliação, portanto, as sentenças são apresentadas tais quais foram escritas pelos aprendizes.

Para ilustrar essa avaliação, as sentenças selecionadas dentre os textos produzidos foram separadas em três blocos exemplificativos, e a análise levará em consideração a flexão verbal, considerando três situações: a ocorrência da flexão esperada no PB, a ocorrência de uma flexão qualquer e, em uma terceira situação, se não houve flexão alguma.

3.2.1 A ocorrência da flexão esperada no PB

Em uma estrutura arbórea, as sentenças encaixadas, como qualquer sintagma encaixado, são

penduradas na árvore como argumento (especificador ou complemento) ou como adjunto. Como o CP é a categoria que possibilita o encaixe de uma sentença finita em outra, as encaixadas são todas CP e o encaixe é possibilitado pelo Spec do CP, pelo núcleo C ou por ambos (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013, p.107).

Consideremos, portanto, o seguinte bloco de construções¹⁸:

(65) [Acho [_{CP} que [_{IP} a mãe do bebê de cinco meses não é responsável]]]. (Informante 1)

(66) [Quando houver um conflito entre lei e sentimento humano, [eu acho [_{CP} que [_{IP} a lei deve prevalecer]]]]. (Informante 2)

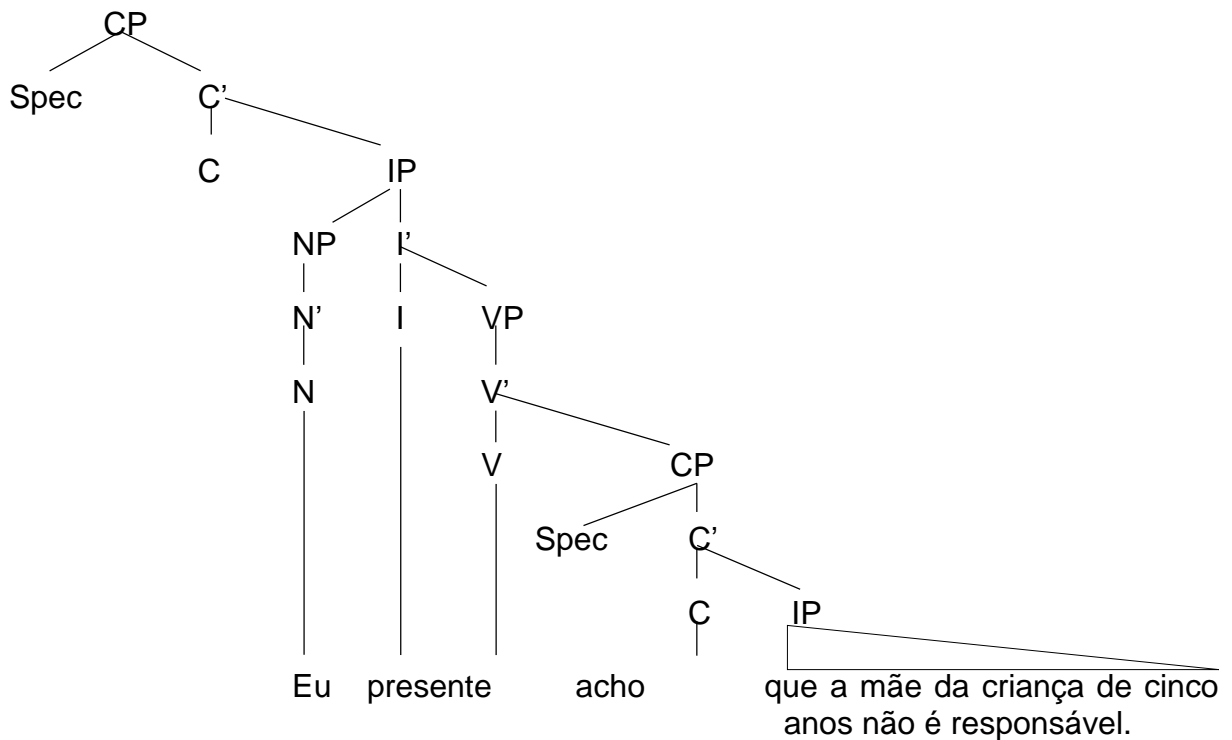
Nas duas sentenças apresentadas, o verbo *achar* c-seleciona e s-seleciona um complemento. Enquanto a c-seleção dita que o complemento seja uma sentença, a s-seleção determina que este complemento seja uma sentença declarativa (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013). Observa-se nas construções que o complemento é uma sentença declarativa e, portanto, começará no IP, como se verá na representação arbórea da sentença (67).

Conforme ilustrado em (66), S é representada pelo IP, e S', representada pela unidade abstrata CP, que dá conta do complementizador C, localizado fora do IP, assim C corresponde ao núcleo da categoria CP. Segundo Raposo (1992), a presença fonética desse complementizador permite determinar o tipo de flexão da oração seguinte: I finita, na estrutura em análise.

Além disso, na construção citada, a flexão verbal evidencia marcas de acordo (com o NP sujeito da frase) e de tempo. Segundo Raposo (1992), esse tipo de sentença apresenta o seguinte traço distintivo: [+T, + Agr]; essa marca temporal a define como uma sentença finita. Ainda, tanto o verbo da oração principal (*achar*) quanto o da oração subordinada (*ser*) estão no tempo presente (do modo indicativo). Há, portanto, a ocorrência da flexão esperada.

¹⁸ Como a avaliação levará em conta a produção do grupo e não necessariamente de cada um dos estudantes, a escolha da sentença foi aleatória, considerando apenas sua estrutura. A inserção nos blocos respeitou a flexão verbal encontrada em cada construção, sem considerar seus autores.

(67)



Situação semelhante ocorre em:

(68) [Acho [CP que [IP falar 'como bem entender' é bem]]]. (Informante 4),

onde, apesar de ter sido usada a palavra *bem* ao invés de *bom*, a estrutura também apresenta a flexão verbal esperada, ou seja, os verbos da oração principal (*achar*) e da oração subordinada (*ser*) estão flexionados no tempo presente do modo indicativo, apresentando os traços distintivos [+T, +Agr], conforme Raposo (1992) e Haegeman (1998).

(69) [Mas a gente não precisa [CP que [IP repreendam ela]]]. (Informante 1)

No CP da sentença apresentada em (69), há a presença de um pronome não pronunciado (terceira pessoa do plural – vocês ou eles). É o sujeito nulo permitido pela língua portuguesa (RAPOSO, 1992), representado por *pro* (leia-se *prozinho*), na estrutura (70).

(70) [Mas a gente não precisa [CP que [_{pro} repreendam ela]]].

As duas sentenças a seguir possuem estruturas semelhantes. Ambas apresentam o verbo *esperar* (flexionado na primeira pessoa singular), mas sujeitos diferentes: na primeira, um nome na terceira pessoa singular; e, na segunda, um nome plural (terceira pessoa).

(71) [Espero [CP que [IP o Robin Williams possa pedir desculpas às povos brasileiros e o comitê do Olímpico]]]. (Informante 2)

(72) [...], [espero [CP que [IP as audiências possam dar mais liberdade ou espaço à Elenita]]]. (Informante 3)

Em ambas as sentenças, o verbo *esperar* precisa de um complemento clausular expressando o conteúdo do desejo (CHOMSKY, 1988), que poderia ser uma sentença infinitiva ou finita (como é o caso das construções apresentadas).

Nas construções (71), apesar da ocorrência de alguns erros de escrita, sem importância para esta análise e (72), constata-se que os informantes (2) e (3) percebem o determinado por Souza-e-Silva e Koch (2011), ou seja, que a presença do presente do indicativo na oração matriz determina o uso do mesmo tempo na estrutura *que*, porém, no modo subjuntivo.

Nas próximas três construções, os informantes (3), (6) e (10) representam adequadamente a estrutura das sentenças encaixadas do PB. Conforme Souza-e-Silva e Koch (2011), na primeira e segunda, os verbos de declaração (*saber* e *pensar*) determinam o uso do indicativo na oração encaixada e, na terceira, em que são idênticos os sujeitos da matriz e da encaixada, o infinitivo assume a forma não flexionada.

(73) [Todo mundo sabe [CP que [IP esse grande assunto vai trazer benefícios, trabalho para povo]]]. (Informante 6)

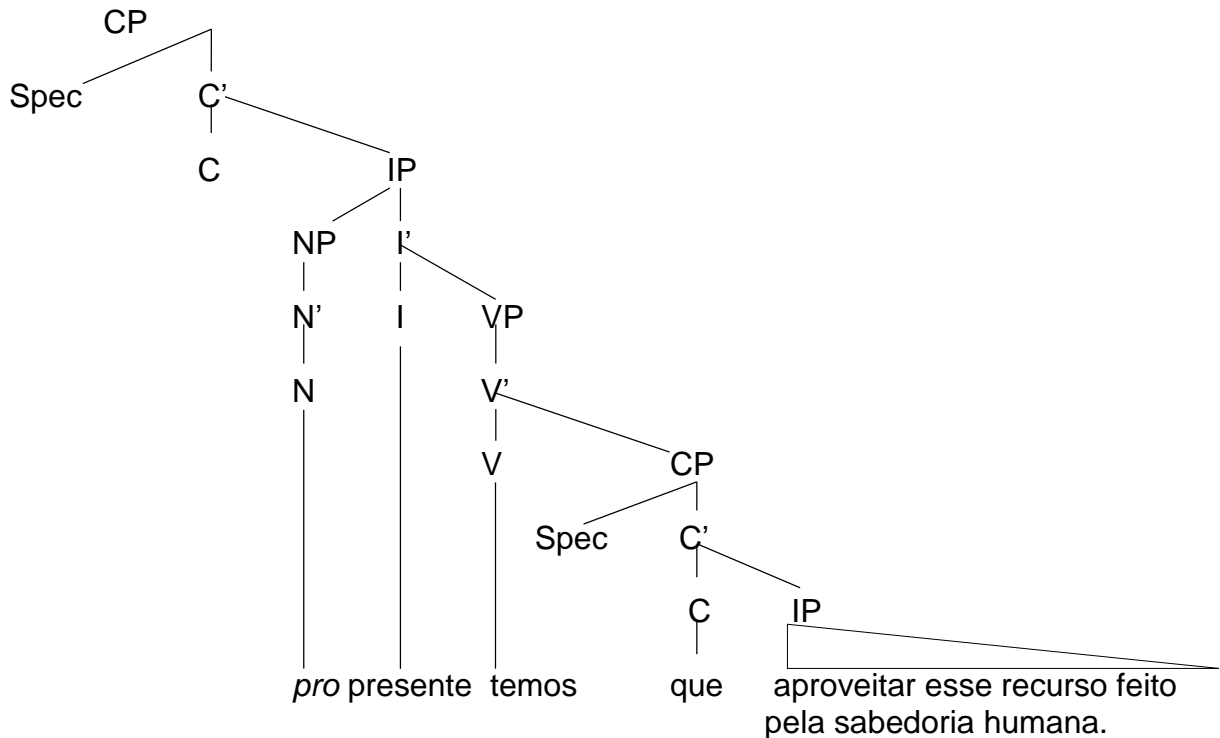
(74) [Muitas pessoas pensam [CP que [IP é melhor fechar o acesso à Internet nas redes sociais]]]. (Informante 3)

(75) [Temos [CP que [IP aproveitar esse recurso feito pela sabedoria humana]]]. (Informante 10)

Na sentença (73) há a presença, na oração matriz, de um sujeito nulo (*temos*) de interpretação pessoal definida em orações com Infl/[+Agr], que licencia e classifica

a categoria *pro* na posição de sujeito (RAPOSO, 1992), conforme demonstra a representação arbórea em (76):

(76)



Já na sentença (77), embora o informante (1) tenha se equivocado com o uso do sujeito na oração principal, utilizando *As Olimpíadas* em vez de *O Comitê Olímpico*, houve a flexão adequada na oração encaixada, nosso objeto de análise, com o uso apropriado do indicativo.

(77) [Mas as Olimpíadas acham [CP que [IP o Rio de Janeiro é melhor do que as outras três cidades]]]. (Informante 1)

As estruturas apresentadas nesta seção parecem trabalhar a serviço da tese defendida por Flynn (1996) de que a faculdade da linguagem essencial envolvida na aquisição da L₁ também está envolvida na aquisição da L₂ pelos adultos. Os aprendizes avaliados parecem confirmar que é possível, independente, da idade o aprendizado de uma nova língua.

Entretanto, situações opostas são observadas na próxima seção, em que os estudantes apresentam estruturas com flexões, embora não correspondentes às esperadas no PB.

3.2.2 A ocorrência de flexão diferente da esperada no PB

Consideremos as estruturas representadas nos próximos blocos de construções:

(78) [Espero [CP que [IP a faculdade pode considerar a decisão]. (Informante 2)

(79) [Espero [CP que [a administração¹⁹ superior pode fazer uma decisão de novo]]].
(Informante 3)

Tanto na sentença produzida pelo informante (2) quanto na do informante (3), embora sejam parecidas com as sentenças anteriores, ou seja, há a presença de um CP e de um IP, ocorre uma flexão diferente da esperada para estas orações encaixadas.

Em ambos os casos, a flexão usada é correspondente ao sujeito da oração, entretanto, diferente da esperada, em que o verbo *esperar* da oração principal, flexionado no presente do indicativo, determinará que o verbo da oração encaixada esteja no presente do subjuntivo (SOUZA-e-SILVA; KOCH, 2011), como se pode observar nas representações (80) e (81). Ou, nas palavras de Raposo (1992), um complementador com realização fonética na posição Comp, determina em Português, uma flexão (I) finita, ou seja, com especificação de Tempo.

(80) [Espero [CP que [IP a faculdade possa considerar a decisão]]].

(81) [Espero [CP que [IP a administração superior possa tomar uma nova decisão]]].

No caso da estrutura (82), o informante deveria ter usado um *se* antes do verbo *responsabilizar*, conforme representado em (83), usando a transformação reflexiva clítica, proposta por Souza-e-Silva e Koch (2011) e a flexão na terceira pessoa do plural, indicativo.

(82) [Todos os professores nas escolas têm [CP que [IP responsabilizar pelo ensino de línguas]]].

¹⁹ Como dito em seções anteriores, erros de escrita não estão sendo considerados nesta análise.

(83) [Todos os professores nas escolas têm [CP que [IP se responsabilizarem pelo ensino de línguas]]].

Observemos agora as flexões utilizadas nas estruturas representadas em (84) e (85):

(84) [Alguém disse [CP que [IP usar redes sociais vão estimular os problemas de vazamento de informações]]]. (Informante 6)

(85) [...] [acho [CP que [IP a boa lei vai melhorar nossa vida, mas se a lei seja ruim, vai destroçar a nossa maravilhosa]]]. (Informante 7)

Nestas sentenças, produzidas pelos informantes (6) e (7), respectivamente, há a ocorrência de flexão dos verbos nas sentenças, embora não correspondente com a flexão esperada. Na primeira sentença, por exemplo, a flexão adequada seria a da terceira pessoa do singular, *vai*; entretanto, o sujeito optou pelo uso da terceira pessoa plural, *vão*, concordando com *redes sociais* e não com *usar redes sociais*.

As flexões esperadas para a estrutura (84) seriam, portanto, as constantes em (86), com o verbo da oração matriz no passado do indicativo e um verbo composto na completiva (86a) ou ambos os verbos no indicativo, com o da oração matriz no passado e o verbo da completiva no futuro (86b).

(86a) [Alguém disse [CP que [IP usar redes sociais vai estimular os problemas de vazamento de informações]]].

(86b) [Alguém disse [CP que [IP usar redes sociais estimulará os problemas de vazamento de informações]]].

Da mesma forma, na segunda sentença há um problema em relação ao verbo escolhido. A construção, em princípio, estaria correta se fosse apenas [acho [CP que [IP a boa lei vai melhorar nossa vida]]], com o verbo no indicativo. Entretanto, a sentença completa é [...] [acho [CP que [IP a boa lei vai melhorar nossa vida, mas se a lei seja ruim, vai destroçar a nossa maravilhosa]]] e, a flexão inadequada ocorre no fragmento [*mas se a lei seja ruim*]. Ao fazer uso do *se* em sua construção, o informante (7) deveria ter usado *for* ao invés de *seja*.

(87) [...] [acho [CP que [IP a boa lei vai melhorar nossa vida, mas se a lei for ruim, vai destruir a nossa maravilhosa]]].

Novamente, há uma confusão na flexão da sentença (88). O informante (8) flexionou o verbo na terceira pessoa do plural ao invés de usar a terceira do singular. Ele pode ter percebido a noção coletiva que a palavra *povo* carrega (referindo-se aos brasileiros) e usado equivocadamente a flexão de número. Houve, porém, o uso do modo verbal adequado, o indicativo.

(88) [O povo brasileiro acham [CP que [IP o governo precisa de mais]]]. (Informante 8)

No próximo bloco, as sentenças foram produzidas a partir da discussão de um mesmo tema: a morte de uma criança esquecida no carro pela mãe e ambas apresentam problemas na flexão verbal.

(89) [Eu não imaginei [CP que [IP sobretudo a mãe pode esquecer a sua filha no carro]]]. (Informante 9)

(90) [Ninguém acredita [CP que [IP a mãe pode esquecer a bebê]]]. (Informante 10)

No desenvolvimento sintático da sentença (90) parece existir uma relação com a oralidade²⁰, com a escrita nos mostrando certo comportamento que reflete a oralidade, embora não tenha como se confirmar, pois este estudo não privilegia a oralidade e, sim, a avaliação de uma produção escrita.

Em ambas as sentenças, os verbos das orações principais determinam a subjuntivização nas encaixadas (SOUZA-e-SILVA; KOCH, 2011). Assim, teríamos:

(91) [Eu não imaginei [CP que, [IP sobretudo, a mãe pudesse esquecer a sua filha no carro]]]. (Informante 9)

(92) [Ninguém acredita [CP que [IP a mãe possa esquecer a bebê]]]. (Informante 10)

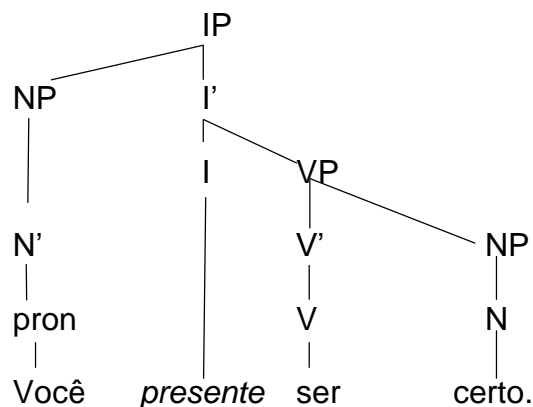
²⁰ Na forma oral, a preocupação maior do indivíduo é com a comunicação, não necessariamente com a forma.

Na última sentença, representada em (93), o sujeito obedece ao princípio de ordem do núcleo, usando adequadamente o sujeito, o verbo e o complemento; entretanto, o verbo *ser* deveria ter sido flexionado como *está* ao invés de *é*. O autor, entretanto, respeitou o uso do modo indicativo na sentença encaixada. A sentença produzida está de acordo com a estrutura esperada pelo PB, com o complemento exigido pelo verbo *achar*, no entanto, houve o equívoco no uso da flexão verbal como dito anteriormente.

(93) [Eu acho [_{CP} que [_{IP} você é certo]]].

A representação arbórea correspondente ao IP da sentença acima é a constante em (94):

(94)



Os dados apresentados nesta seção, em que os enunciados produzidos pelos informantes representaram as estruturas *que* com flexões diferentes das esperadas no PB, parecem ter influência da L₁, já que o mandarim, conforme Li (1990), não apresenta flexão verbal. Por outro lado, percebemos, embora não tendo realizado uma avaliação individual de cada sujeito, que, ao longo das produções essas dificuldades foram diminuindo, com os estudantes readequando sua gramática da L₂.

A situação aqui encontrada parece representar a hipótese da GU Dinâmica de Flynn (1996), que considera a existência de uma relação entre a língua materna e o processo de aprendizagem da L₂ (neste caso, o PB), pois os aprendizes utilizam os princípios apreendidos da L₁, armazenados como a sua GU na fase inicial da vida. Dessa forma, o aprendiz utiliza os princípios inatos de sua Gramática Universal

(CHOMSKY, 2000), acessa-os na aprendizagem de L₂ e incorpora a eles os parâmetros de L₂ tanto do léxico quanto das estruturas da língua alvo. Na seção a seguir, apresentamos exemplos de sentenças produzidas pelos estudantes chineses em que a flexão utilizada é inadequada. Não há concordância com os sujeitos das frases, as flexões não consideram os modos verbais, tampouco o número e pessoa.

3.2.3 Ocorrência de flexão inadequada

Observemos o próximo bloco de sentenças.

(95) [Ela disse [CP que [IP ela esqueci o bebê não é intencional]]]. (Informante 4)

(96) [Penso [CP que [IP o que ela falou não significa ela não ter respeito do país]]].
(Informante 5)

(97) [Eu acho [CP que [IP a menina vestiu-se vestido curto não era uma coisa grande]]].
(Informante 6)

(98) [Espero [CP que [IP o Robin Williams deve responsabilizar pelas palavras [...]]]].
(Informante 6)

(99) [Tem certeza [CP que [IP cultura do Japão vai transmitir por o sushi]]]. (Informante 9)

Em (95), não houve a concordância do verbo *esquecer* da oração encaixada com a pessoa, apresentando características morfológicas de primeira pessoa do singular, tempo passado, modo indicativo; além disso, o verbo *ser*, na mesma oração, foi conjugado no presente quando deveria ter sido usado no passado, apesar de o sujeito ter usado a pessoa adequada.

Além disso, quando a completiva tiver um sintagma nominal (NP) idêntico e correferencial a outro NP da sentença matriz, este será apagado, após ter sido efetuada a concordância (SOUZA-E-SILVA, KOCH, 2011). Para atender a estrutura esperada no PB, o primeiro verbo poderia ter permanecido sem flexão ou ser usado um tempo composto, *ter esquecido*. Assim, teríamos as seguintes representações para a sentença:

(100) [Ela disse [CP que [IP esquecer o bebê não foi intencional]]].

(101) [Ela disse [CP que [IP ter esquecido o bebê não foi intencional]]].

Na construção (96), o contexto da frase refere-se à atleta ter ou não respeito por seu país e não ao país ter respeito por ela. Assim, a forma como foi escrita tornou a frase ambígua. Se levássemos em conta a flexão esperada no PB, com o verbo *pensar* flexionado no modo indicativo, exigindo a subjuntivização do verbo da encaixada, teríamos a seguinte representação:

(102) [Penso [_{CP} que, [_{IP} pelo que falou, não significa que ela não tenha respeito pelo país]]].

A construção apresentada em (97) surgiu de uma discussão de um caso em destaque à época, quando uma universitária da Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN) foi hostilizada por colegas e, mais tarde, expulsa pela Universidade, por ter comparecido à aula com um vestido curto, considerado inadequado para o ambiente. O informante (6), em sua construção, minimiza o destaque dado ao episódio, considerando o fato como ‘não sendo uma coisa grande’. Para que esta ideia realmente possa ser expressa pela frase, o sujeito poderia ter usado a representação (103), por exemplo, com o verbo *vestir* não flexionado e o verbo *ser* flexionado no presente do indicativo.

(103) [Eu acho [_{CP} que [_{IP} a menina vestir um vestido curto não é uma grande coisa]]].

Na estrutura representada em (98) o informante espera que o Robin Williams seja responsabilizado por determinadas palavras expressas contra o Rio de Janeiro (na época da escolha da cidade para sediar os Jogos Olímpicos de 2016). Da forma como foi escrita, a sentença não deixa claro se ele deve ser responsabilizado ou se ele deveria responsabilizar alguém pelas palavras. Para eliminar a ambiguidade de sentidos da sentença e, principalmente, expressar a flexão esperada no PB, o informante deveria ter usado a construção representada em (104), com a subjuntivização da sentença encaixada (SOUZA-E-SILVA; KOCH, 2011).

(104) [Espero [_{CP} que [_{IP} o Robin Williams seja responsabilizado pelas palavras [...]]]].
(Informante 6)

E, por fim, a estrutura expressa em (99) refere-se à possibilidade de a cultura japonesa ser transmitida pelo sushi. A construção apresentada pelo informante (9) não apresenta flexão alguma. Para que a estrutura realmente evidenciasse o posicionamento do sujeito e tivesse sentido, ele poderia ter usado a representação expressa em (105), usando a primeira pessoa do singular, no presente do indicativo, na oração principal e flexionando o verbo *ser* da encaixada, na terceira pessoa do singular (concordando com *a cultura do Japão*), no mesmo tempo e modo.

(105) [Tenho certeza [_{CP} (de) que [_{IP} a cultura do Japão é transmitida pelo sushi]]].

No caso dessa estrutura, além de possibilitar o encaixe de complementos sentenciais do verbo, o complementizador *que* encabeça complementos do nome *certeza*. A preposição *de* encontra-se em parênteses, devido ao fato de os CPs não precisarem receber caso e, conseqüentemente, permitirem que a preposição seja dispensada (MIOTO, SILVA e LOPES, 2013).

A dificuldade apresentada por alguns sujeitos em relação à flexão adequada dos verbos utilizados pode dever-se a uma interferência da língua materna, já que em Mandarim não há flexão verbal sendo a forma do infinitivo utilizada para todos os contextos. Ao aprender o Português, os alunos chineses necessitam se habituar a um sistema verbal diferente, mais complexo que o da sua língua.

Por outro lado, percebe-se ao longo das produções analisadas que, com o decorrer do tempo, os aprendizes foram reestruturando a gramática de sua L₂, passando a utilizar uma flexão verbal mais adequada ao esperado nas estruturas do PB, conforme demonstrado nos três exemplos coletados da produção do informante 4, sendo a (106) do primeiro texto produzido (no início do período de estudos no Brasil), a (107) quando já estavam na metade do período (aproximadamente seis meses) e a (108) ao término do período de estudos na PUCRS, ou seja, quando estavam completando um ano de permanência.

(107) [Ela disse [que [ela esqueci o bebê não é intencional]]].

(108) [Quando come Sushi, tem [que [prestar atenção para estas coisas]]].

(109) [Os trabalhadores tem [que [entrar para a comunidade de escritório]]].

Estas reestruturações parecem ir ao encontro à sequência de tempo proposta por Silvério (2002). Além disso, essa reestruturação da gramática de L₂ feita pelos aprendizes parece confirmar a hipótese inicial deste trabalho, ou seja, de alguma forma, todos os aprendizes têm acesso a aspectos da Gramática Universal.

Este capítulo apresentou a avaliação das construções *que* na produção de um grupo de estudantes chineses aprendizes do PB, considerando a produção por tipos e não por sujeitos específicos. Ressalta-se, ainda, que nossa avaliação considerou o resultado (os registros) da produção escrita por estes aprendizes e que não acompanhamos o processo que deu origem aos textos, de onde coletamos as sentenças para a análise.

4 CONCLUSÕES

Este trabalho teve como objetivo avaliar as construções *que* do português brasileiro em textos escritos por estudantes chineses, adultos, falantes de mandarim, verificando a ocorrência nessas produções das estruturas esperadas no PB, especialmente no que se refere à flexão verbal, e se os resultados encontrados demonstram o acesso desses aprendizes aos mecanismos da Gramática Universal durante o aprendizado do PB como segunda língua.

No início desta dissertação, buscamos descrever os dois aspectos da Teoria da Gramática assumidos por este trabalho, ou seja, a GU e os Princípios e Parâmetros, percebendo a primeira como um dom inato à espécie humana para a língua e sua aquisição, independente de em se tratando da L₁ ou de L₂, inclusive, na fase adulta. Em relação ao segundo aspecto, definimos os princípios como leis gerais que são válidas para todas as línguas naturais e os parâmetros, como as propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são, por isso, responsáveis pela diferença entre as línguas.

A seguir, descrevemos os sintagmas e seus constituintes, partindo da definição de sintagma, conceituando-os como unidades sintáticas construídas hierarquicamente com núcleos determinando suas funções. A estrutura deste sintagma foi mostrada pela Teoria X-barras, criada por Chomsky, para demonstrar a natureza dos constituintes, as relações estabelecidas entre eles, a partir de um núcleo, e o modo, hierárquico, como estes sintagmas se organizam para a formação de uma sentença.

A identificação das categorias lexicais e funcionais serviu de base à introdução das sentenças, considerada por Haegeman (1998) e Raposo (1992) como a maior unidade da análise sintática. À hierarquia estrutural já representada pelos sintagmas nominal (NP), verbal (VP), adjetival (AP) e proposicional (PP), acrescentamos os demais elementos, o COMP, correspondente ao complemento para introduzir uma nova sentença coordenada ou subordinada; o AUX, para representar um possível auxiliar na sentença; e o INFL, que representa a flexão verbal e, na representação sintática, substitui o auxiliar.

Esse detalhamento das sentenças e uma seção enfocando a estrutura das sentenças *que* no PB, contribuíram para a concretização de nosso objetivo, ou seja,

a avaliação das sentenças *que* selecionadas dentre as dez produções escritas pelos estudantes chineses, apresentadas e discutida no terceiro capítulo deste trabalho.

Durante a análise, avaliamos a produção do grupo, sem considerar cada sujeito individualmente, analisando estruturas produzidas ao longo de um ano, período em que permaneceram no PPE da PUCRS, portanto, cada sentença analisada coletada de texto produzido com um intervalo médio de um mês entre si. A análise do comportamento dos sujeitos, quase pragmática, demonstrou que a maioria deles optou pelo mesmo tipo de verbo, especialmente os verbos *achar* e *esperar*.

Na análise das estruturas selecionadas constatamos que a maioria dos sujeitos representou a estrutura esperada no PB para as construções *que*, respeitando o princípio de ordem do núcleo, realizando a flexão adequada do verbo em relação ao sujeito da sentença encaixada ou da sentença anterior. Alguns, entretanto, apresentaram dificuldades para a realização da flexão verbal, demonstrando que o processo de aprendizado ocorreu de forma mais lenta para uns e mais rápida para outros. Estas dificuldades podem ter ocorrido por influência da L₁, pois o mandarim não apresenta flexão verbal alguma e todos os verbos são usados no infinitivo. Além disso, o aprendizado do PB como L₂ obrigou os alunos a se habituarem a um sistema verbal diferente, mais rico que o de sua língua.

Constatamos, ainda, que, conforme os textos foram sendo produzidos, os aprendizes foram reestruturando a gramática da L₂, passando a utilizar uma flexão verbal mais adequada ao esperado nas estruturas do PB. Isso parece confirmar uma das hipóteses iniciais deste trabalho, ou seja, a de que os sujeitos avaliados seriam capazes de representar as estruturas *que* do PB em suas produções.

Além disso, essa capacidade de reestruturação da gramática da L₂ parece comprovar a outra hipótese assumida no início deste trabalho, ou seja, a tese de que todos têm uma faculdade inata à linguagem e, por isso, de alguma forma, têm acesso aos mecanismos da GU.

Este assunto, entretanto, não se esgota com o trabalho realizado, pelo contrário, abre caminho para novos estudos e discussões futuras.

REFERÊNCIAS

BLEY-WROMAN, Robert. What is the logical problem of foreign language? *In*: GASS, Susan; SCHACHTER, Jacquelyn. **Linguistic perspectives on second language acquisition**. Cambridge: Press Syndicate of the University, 1990.

BULLA, Julieanne Pohlmann. **A aquisição do Caso no português brasileiro**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2008.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge Mass: MIT Press, 1965.

_____; **Language and problems of knowledge**. Cambridge-London: Massachusetts Institute of Technology, 1988.

COOK, Vivian; NEWSON, Mark. **Chomsky's Universal Grammar: an introduction**. 2 ed. Oxford: Blackwell, 1998.

FLYNN, Susan. A parameter-setting approach. *In*: RITCHIE, William C.; BHATIA, Tej K. **Handbook of second language acquisition**. California, Academic Press, 1996.

_____; MARTOHARDJANO, Gita; O'NEIL, Mahwah. **The generative study of second language acquisition**. New Jersey: Lawrence Earlburn, 1988.

HAEGEMAN, Liliane. **Introduction to Government and Binding Theory**. Oxford: Blackwell, 1998.

_____. **Thinking syntactically: a guide to argumentation and analysis**. Oxford: Blackwell, 2006.

HAIA, Pan. **Constraints on reflexivization in mandarin Chinese**. (Dissertations in Linguistics). Rotledge: 2013.

KATO, Mary A. Formas de funcionalismo na sintaxe. Delta, vol. 14, São Paulo: UNICAMP, 1998. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000300011>>. Acesso em Dec. 17, 2014.

KATO *et al.* As construções-Q no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. *In*: KOCK, Ingedore G. Vilhaça (org.). **Gramática do Português Falado**. 2ª ed. rev., Vol. VI. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

LARSON, Richard K. **Grammar as Science**. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2010.

LI, Yen-hú Audrey. **Order and constituency in mandarin Chinese**. Dordrech: Kleuwer, 1990.

LOBATO, L. M. P. **Sintaxe Gerativa do Português**: da Teoria Padrão à Teoria de Regência e Ligação. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

MIOTO, Carlos Mito. **As interrogativas no português brasileiro e o critério Wh**. Letras de Hoje. Porto Alegre: EDIPUCRS, v.29, nº 2, jun. 1994.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática**. 3ª edição. São Paulo: Ática, 2003.

OTHERO, Gabriel de Ávila. **Teoria X-barras: descrição do português e aplicação computacional**. São Paulo: Contexto, 2006.

PERNA, Cristina Lopes. SUN, Yuqi. **Aquisição de português como língua adicional (PLA): o uso de hedges em português por falantes nativos de mandarim**. Letras de Hoje, v.46, n.3, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

PINKER, Steven. **O instinto da linguagem**: como a mente cria a linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RAPOSO, Eduardo Paiva. Teoria da gramática. A faculdade da linguagem. 2ª ed. Lisboa: Caminho, 1992.

ROTHMAN, J. **Knowledge of A/A' – Dependences on subjection extraction with two types of infinitives in non-native Portuguese adult bilingualism**. International Journal of Bilingualism. V. 13, nº 1, 2009, p.111-140.

_____; IVERSON, Michael. Flexionar ou não flexionar, eis a questão: infinitivos no Português como segunda língua (L₂). Letras de Hoje, v. 46, n.3, p.28-43, jul./set. 2011, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

SILVÉRIO, Sandra Mara. **Em busca de uma teoria sintática temporal para as encaixadas do português brasileiro**. Revista Letras, Curitiba, n. 58, p. 211-223. jul./dez. 2002. Editora UFPR.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília P. de; KOCK, Ingedore Villaça. **Linguística aplicada ao português: sintaxe**. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANEXOS

ANEXO A – Estruturas produzidas pelo Informante 1

Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4	Tarefa 5	Tarefa 6	Tarefa 7	Tarefa 8	Tarefa 9	Tarefa 10
Acho que ela deve mostrar desanimado para a universidade e aos colegas.	Acho que a mãe do bebê de cinco meses não é responsável.	-	Mas as Olimpíadas acham que o Rio de Janeiro é melhor do que as outras três cidades.		Acho que não precisa que a campeã tem que ter agradecido à pátria. Mas a gente não precisa que repreendam ela.	Mas o que fez ou diz tem que acompanha a identidade dela.	Quando comer sushi é importante que aprende o hábito da sushi.	Mas quando está no ensino, acho que falar com a gramática é melhor.	Eu concordo que comunicar pelos telefones, e Internet. É bom para transformar e compartilhar os informações [...]

ANEXO B – Estruturas produzidas pelo Informante 2

Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4	Tarefa 5	Tarefa 6	Tarefa 7	Tarefa 8	Tarefa 9	Tarefa 10
Espero que a faculdade pode considerar a decisão de novo e dar-lhe uma oportunidade nova.	O que precisamos de pensar é porquê eles esquecem o bebê deles.	Eles estão esperando o grandioso evento e também, tem que preparar muito e existem alguns problemas graves.	Espero que o Robin Williams possa pedir desculpas às povos brasileiros e o comitê do Olímpico.	Quando houver um conflito entre lei e sentimento humano, eu acho que a lei deve prevalecer. O casal têm que resolver o assunto pela maneira da Lei.	Ainda, eu acho que ela fez sucesso depende totalmente as esforços dela. Sou uma universidaria normal, eu concordo com o senhor depois de ganhar o campeão olímpico, zhou Yang tem que agradecer ao país e á pátria.	Acho que para as audiências, programas televisões não são uma coisa que para se divertir à noite em sofá. Claro, eu também acho que a Doutora tem liberdade falar palavrão.	O Brasil é o país que tem mais imigrantes Japoneses.	Quando eu estava na china, eu achei que aprender gramática foi mais importante porque gramática é o base da Língua.	Eu que é uma tendência para nós entrarmos para a comunidade. Eu acho que é certo deixar os funcionários acessar esses sites sem restrições.

ANEXO C – Estruturas produzidas pelo Informante 3

Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4	Tarefa 5	Tarefa 6	Tarefa 7	Tarefa 8	Tarefa 9	Tarefa 10
Espero que a administração superior pode fazer uma decisão de novo, ao mesmo tempo, dá esta aluna uma oportunidade nova para voltar a universidade.	Espero que este acidente nunca aconteça mais no futuro. Acredito que esta mãe sofre mais do que seu bebê.	A maioria do povo brasileiro acha que tem mais benefícios do que os fatores negativos ou os defeitos. O povo acredita que é uma oportunidade ótima que acrescenta mais emprego...	No entanto, creio que o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos fez uma decisão correta, que escolhera o Rio a sediar Jogos Olímpicos em 2016.	Acho que esse ponto é o mais importante para a criança da menina. Além disso, na opinião do tio dela, esta menina tem que ficar com o casal do Rio.	Por isso, é necessário que educar os jovens e dar um exemplo bom ao público. Além disso, como nós sabemos que na China, os atletas ganham sucesso grandes com apoios e cultivações oferecidas pelo governo chinês.	Por isso, não preciso que se importe com os comportamentos e ditos da Elenita. Para finalizar, espero que as audiências possam dar mais liberdade ou espaço à Elenita.	Foi surpreendente e que, o empresário do restaurante disse que, há muitos clientes não sabem comer o sushi corretamente.	Por isso, todos os professores nas escolas têm que responsabilizar pelo ensino de línguas.	Muitas pessoas pensam que fechar o acesso à Internet nas redes sociais.

ANEXO D– Estruturas produzidas pelo Informante 4

Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4	Tarefa 5	Tarefa 6	Tarefa 7	Tarefa 8	Tarefa 9	Tarefa 10
	Ela disse que ela esqueci o bebê não é intencional.	As pessoas pensam que a proximidade da Copa de 2014 pode atrapalhar, mas a distância entre os locais de competição é maior que nas cidades rivais.	Acho que ele é muito grosseiro, não tem cortesia, é um palhaço. No fim, acha que o governo do Brasil tem que fazer as coisas para ordem social, deram assistência social para as pessoas que tem uma vida pobre.	Mas não podemos ignorar o fato de que as pessoas, depois de tudo, ter sentimentos, a lei reflete seu aspecto punitivo frio forte, mas a falta de ética e transformação o moral do lado atmosfera social.	Acho que Zhou Yang não tem problema com isso.	Se algem quer identidade de social, ele tem que fazer alguma coisa especial.	Quando come Sushi, tem que prestar atenção para estas coisas.	Acho que falar 'como bem entender' é bem. Acho que quando alguma coisa tem que propagação com letras, sem erro é melhor.	Acho que os trabalhadores tem que entrar para a comunidade de escritório. Uma empresa têm que ter um área para comunicar as ideias e trabalhos,

ANEXO E – Estruturas produzidas pelo Informante 5

Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4	Tarefa 5	Tarefa 6	Tabela 7	Tarefa 8	Tarefa 9	Tarefa 10
Acho que a complacência é mau para uns estudantes.	Penso que os maridos também têm responsabilidades por o tido das assuntos.	-	E também acho que o Rio de Janeiro vai resolver os problemas sociais.	Não gosto desta lei, e também acho que nova lei não é aconselhável bastante.	Mas acho que quando a Zhou Yang ganhou, é um momento muito pessoalmente. Penso que o que ela falou não significa ela não ter respeito do país.	Penso que a maneira da Elenita é mau, só porque isso é publicado pela televisão. Acho que todo mundo deve falar em uma maneira mais educado.	Portanto, é melhor saber alguma etiqueta do sushi.	Acho que a gramática é muito útil, especialmente e nos textos formais.	Acho que é melhor separar as redes sociais e da empresa. Penso que deve separar as redes...

ANEXO F – Estruturas produzidas pelo Informante 6

Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4	Tarefa 5	Tarefa 6	Tarefa 7	Tarefa 8	Tarefa 9	Tarefa 10
Eu acho que a menina vestiu-se vestido curto não era uma coisa grande.	Eu achei que esta acidente era muito miserável.	Todo mundo sabe que esse grande assunto vai trazer benefícios, trabalho para povo.	Mas agora, achei que ele é uma pessoa com mau gosto. Enfim, achei que o Rio deve ser a sede das Olimpíadas.	Eu percebi que Cátia e Cícero amoram muito esta menina. Acho que o sentimento humano deve prevalecer.	Eu não achei que seu reclamo foi correto. Na verdade, eu acredito que Zhou ama os pais dela também deveria ter o amor da nossa pátria.	Para amiga dela, eu posso compreender que ela tem carinho com a Elenita.	Para evitar a vergonha e ofensa, é necessário ler as dicas seguintes.	Então, a gente tem de aprender no início.	Alguém disse que usar redes sociais vão estimular os problemas de vazamento de informações.

ANEXO G – Estruturas produzidas pelo Informante 7

Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4	Tarefa 5	Tarefa 6	Tarefa 7	Tarefa 8	Tarefa 9	Tarefa 10
Acho que o decisão da Universidade foi bem certo.	Acho que por causa de ela não dá muito cuidado pelo o seu bebê cotidiano. Tenho a certeza que a mãe vai agonizar dia a dia, e se arrepende todos os dias.	Então o Brasil tem que desenvolver rapidamente e seguir viagem agora. O Brasil tem que fazer o orçamento de uma olimpíada.	----	Para mim, acho que a boa lei vai melhorar nossa vida, mas se a lei seja ruim, vai destroçar a nossa maravilhosa.	A respeito de opinião entre os estrangeiros e os chinês. Nós achamos que isso é normal para os estrangeiros, este assunto revela a China é um país de ditadura do proloratiado.	Ela disse que o problema é o local e a hora, o BBB é um programa famoso no Brasil. Acho que além de comportamento da Elenita no programa, ela é uma mulher competente [...]	É melhor conhecer as regras de que como come a comida japonesa antes de gozar.	[...] um dos meus colegas disse que quando escrevemos, precisamos ter em mente.	De maneira geral, temos que aproveitar esse recurso feito pela sabedoria humana.

ANEXO H – Estruturas produzidas pelo Informante 8

Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4	Tarefa 5	Tarefa 6	Tarefa 7	Tarefa 8	Tarefa 9	Tarefa 10
Acho que a mais diferença entre univercidade e escola secundária é que os estudantes tem mais liberdade.	Algumas pessoas disseram que a mãe de bebê tem de responsabilizar tudo.	O povo brasileiro acham que o governo precisa de mais, mas eles tem confiança que os Jogos Olímpicos vão ser sucedidos no Brasil.	E não quer confessar que os estados unidos são pior do que os outros.	-	É possível que ela não pôde prestar atenção para pensar todas as pessoas e comunidades que ela precisa de agradecer.	Acho que tudo é normal sobre Elenita. Ela tem direito de escolher o que resto e o que fala.	É essencial aprender as regras antes de comer [...]	-	-

ANEXO I – Estruturas produzidas pelo Informante 9

Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4	Tarefa 5	Tarefa 6	Tarefa 7	Tarefa 8	Tarefa 9	Tarefa 10
Penso que esta castigação é muito séria para ela.	Eu não imaginei que sobretudo a mãe pude esquecer a sua filha no carro. Eu acho que a mãe dela deve sido castigado mais sério do que agora.	Acho que o Brasil que sediar os Jogos Olímpicos em 2016 é muito bom, isso vai trazer muitos trabalhos livres, e muito mais benefícios como transporte urbano.	Espero que o Robin Williams deve responsabilizar pelas palavras, e tem de fazer desculpa para os brasileiros.	No meu conceito, nas maiores situações acho que a lei deve prevalecer, porque a lei é o mais importante e sério para as pessoas do sem país [...]	-	Eles estão muito jovens, é muito fácil que receber as maneiras ruins no lugar publico, por isso, como ela, tem de mostrar as maneiras boas para dirigir os jovens entrar o social melhor.	Tem certeza que cultura do Japão vai transmitir por o sushi, por isso muitas pessoas chamam atenção por este país.	A minha opinião é quando as pessoas conversam mutuamente, a gente não precisa falar de acordo com a gramática normativa...	-

ANEXO J – Estruturas produzidas pelo Informante 10

Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4	Tarefa 5	Tarefa 6	Tarefa 7	Tarefa 8	Tarefa 9	Tarefa 10
	Ninguém acredita que a mãe pode esquecer a bebê dele.	O governo do Brasil tem que afirmar a segurança social, o transporte do Brasil também é uma problema, o governo do Brasil tem que construir as estradas.	Acho que o Robin tem que declarar as vantagens do Brasil. O Robin tem que pensar mais depois declarar.	Mas eu acho que depende do fato.	Mas tu fala que ele tem que reclamar para agradecer à pátria dele.	Exist alguém acha que ela falou errado por causa de indentidade dela. Porquê ela é uma doutora, ela tem que falar as coisa educadas.	Todo mundo sabe que SUSHI é um tipo de comida japonesa.	Mesmo assim, não adianta que ele não entende nada que você fala.	Eu acho que o escritório é um lugar liberal, os empregados devem ter motivações para trabalhar.

ANEXO K – Estruturas produzidas pelo Informante 11

Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4	Tarefa 5	Tarefa 6	Tarefa 7	Tarefa 8	Tarefa 9	Tarefa 10
Eu acho isso não pode ser a razão para expulsar ela.	Devemos pensar se o ritmo da sociedade é rápido demais, e se devemos muda-lo, para evitar mais acontecidos destes acidentes ao diante.	Todo mundo sabe que Rio de Janeiro é a cidade mais perigosa, é fácil encontre roubos quando passeie nas ruas.	Mas, eu acho que não muito preciso importar-se demais com as palavras quando considerare mos o pano da fundo da EUA.	Mas no outro lado, devemos realizar que os leis são feitos por humanos.	Depois, você disse que ela não agradeceu à pátria, neste ponto, eu acho que você é certo, como uma atleta chinesa, a nação ajudou ela muito pelo sucesso final dela, ela tem que agradecê-la.	A amiga da Elenita declara que a Elenita faz tudo formal no programa. Acredito como certeza que ela também acha o comportame nto mal, qualquer cara educado achava isso.	-	Eles acham que o destino da comunicação é fazer bem entender. E os professores devem avisar os estudantes deles que eles podem comunicar no jeito livre...	Eu acredito que o ambiente da empresa grande, excelente e internacional deve ser livre.